

NYPL RESEARCH LIBRARIES



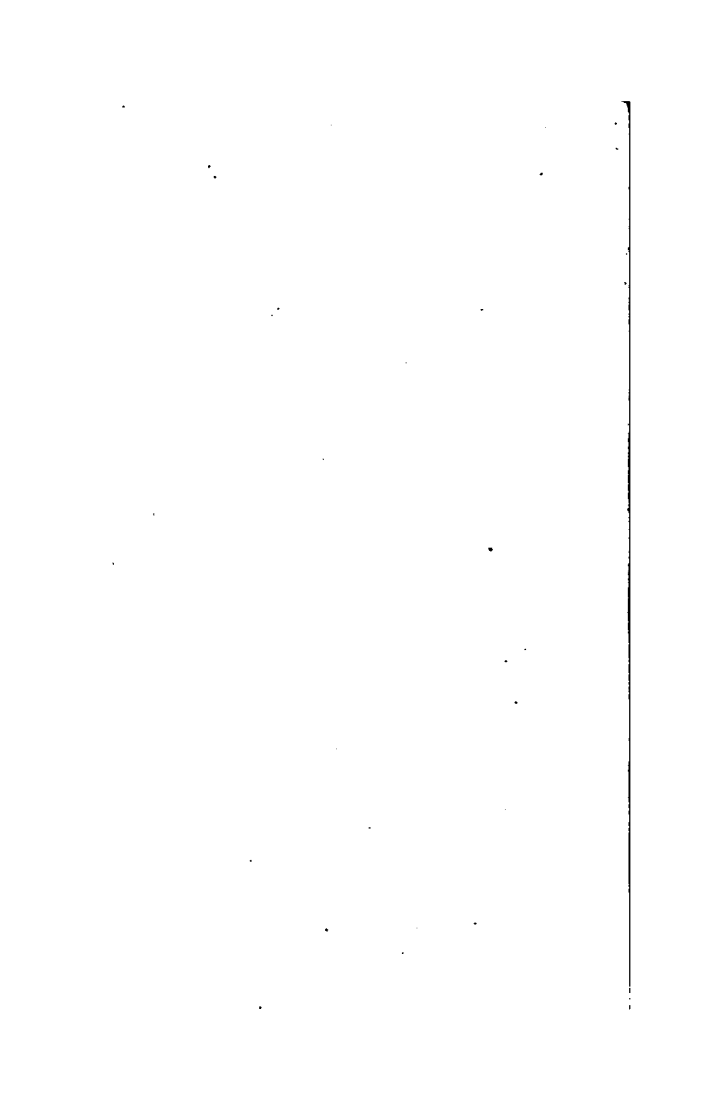
3 3433 07437855 9



NQG  
Collecti



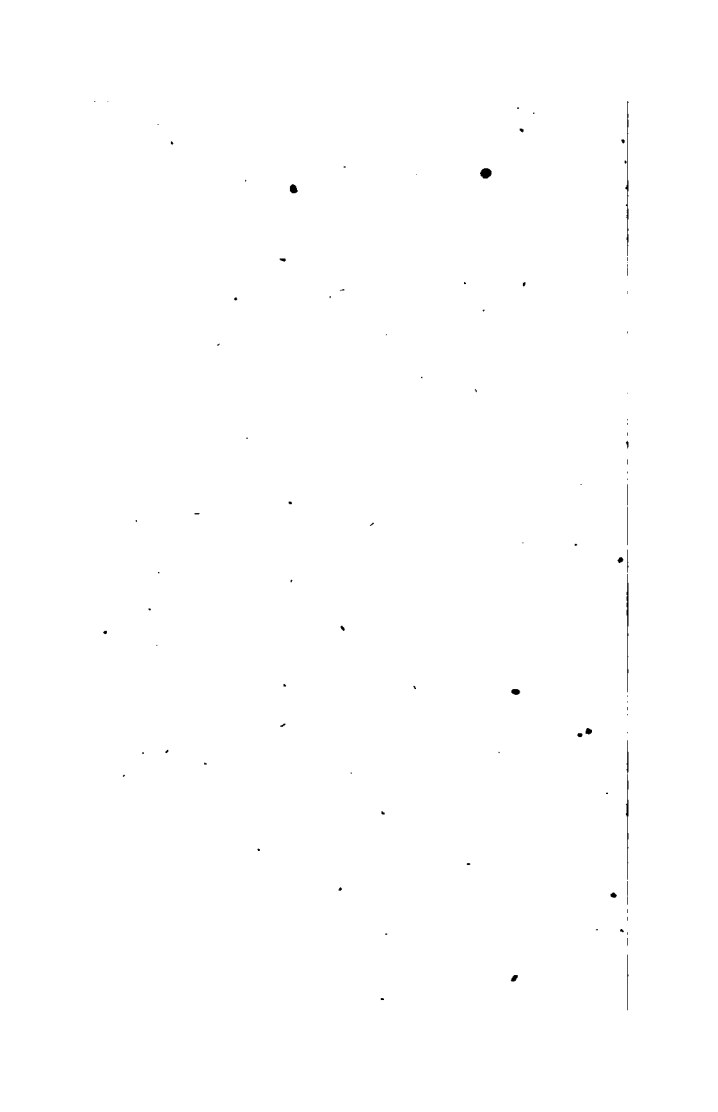




✓ 2

NAG

Collection





COLLECÇÃO  
DE  
POESIAS INEDITAS  
DOS  
MELHORES AUTHORES  
PORTUGUEZES.  
TOMO II.

LISBOA 1810.

---

NA NOVA OFFIC. DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

---

*Com Licença da Meza do Desembargo do  
Paço.*

4V

THE NEW YORK  
PUBLIC LIBRARY

**321228B**

ASTOR, LENOX AND  
TILDEN FOUNDATIONS

R 1945 L

*Divã de Paulo Garcia 3.º Abril 1945 3 vols.*

---

S A U D A Ç Ã O

A R C A D I A .

---

I.

**E**M fim eu vos saúdo,  
O' campos delectosos,  
Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo  
Brotando estais os lairos mais frondosos  
Eu vos vou descobrindo  
Bellas estancias do Pastor Termindo.

II.

Já sinto que respire  
Huma aura em vós suave  
Orfeo pulsa de novo a doce lira  
Ouve Thebas de novo o plectro grave  
Seu número he mais terno,  
Que o que mazon ergueu, pareu o Averno.

III.

Que pastores tão novos  
 São estes, que vos pizão,  
 Como entre tristes, e grosseiros póvos,  
 De nova gala os campos se matizão;  
 Quem fórma estas cadencias?  
 Quem produz tão mimosas influencias?

IV.

Se os olhos me não mentem,  
 Os venturosos nomes  
 Gravados nestes troncos já se sentem,  
 Tu tempo gastador, os não consumes  
 Diario aqui diz este  
 Nimfeo diz outro, aqui diz outro Eureste.

V.

Na mais copada faia  
 Abrio o ferreo gume  
 O nome de Termino, o Sol que raia,  
 Aqui bate primeiro o claro lume,  
 Elle o vê, elle inveja  
 Eterno o nome, eterno o tronco seja.



## VI.

Ah se da gloria vossa  
Pastores cá me vira  
Tão digno, que na bella Arcadia nossa  
Igualmente meu nome se insculpira.  
Entre a série preclara  
De Glauceste a memoria se guardára.

## VII.

Mas onde irá sem pejo  
Collocar-se atrevido,  
Quem longe habita do sereno Téjo,  
Quem vive do Mondego dividido,  
E as auras não serenas  
Do pátrio Ribeirão respira apenas?

## VIII.

Sim, vosso cáro abrigo,  
Pastores, póde tanto,  
Que despertando do silencio antigo,  
Erguer bem posso sem vergonha o canto:  
Com vosco está Glauceste  
Com vosco faz soar a flauta agreste.

S O N E T O.

**N**ão he mais rara, que hum sincero amigo  
 Essa ave estranha, que na Arabia vôr  
 Falla-se della, mas não ha pessoa,  
 Que a visse neste ou no tempo antigo.

Em quanto do Ceo tens risonho abrigo  
 Este e aquelle de amigo o nome entôa;  
 Mas hum depois não ha, que se condôa  
 Se chegas a cahir n'algum perigo.

Finalmente verás que de milhares  
 De exemplos semelhantes se reveste  
 A estavel terra os movediços mares.

— Por fabula terei Pilade, e Oreste;  
 E tu que amigo verdadeiro achares,  
 Dize que a Fenis encontrar soubeste.

S O N E T O .

**S**E alguém duvida , que a belleza influa  
 Por virtude , a que chamão sympathia ,  
 Veja , em minha mortal melancolia ,  
 Quanto pôde comigo Delia crua.

Delia mais vária que a triforme lua,  
 Porém mais bella do que a luz do dia;  
 A quem inda depois de cinza fria  
 Seguirá de minha alma a sombra nua.

Mas em vão seguirá , que a dôr não cabe  
 Supposto que dos rogos se incomode ,  
 Em quem talvez do seu rigor se gabe.

Fujamos , pois que o Ceo benigno acode ,  
 Não de amor , que fugir-lhe ninguem sabe ,  
 Mas de Delia com quem Amor não pôde

S O N E T O.

**O** Xalá, que constasse á gente toda  
 Teu falso proceder, vária fortuna,  
 Qual te vio sobre sólida columna  
 Da Grega estirpe, da Roman, da Goda!

Já n'hum pobre tugurio se accomoda  
 Quem pendeo de magnífica tribuna;  
 Gemendo vai debaixo da importuna  
 Miséria o. mesmo, que se alçou na roda.

Quando o tempo virá, que esta mudança,  
 Que fazes, ninguém tema, pois devia  
 Desterrar a rasão tão vil usança.

Triste daquelle, qu'inda em ti confia,  
 Depois de gasta toda a vida em esperança,  
 Não dura o teu favor mais do que hum dia.



S O N E T O.

**N** As profundas entranhas de hum rochedo,  
 Huma gruta formou a Natureza  
 De tão triste tão funebre asperiza,  
 Que ao monstro mais feroz causára medo.

Alli passava Almeno o seu degredo,  
 Moastro de Amor, imagem da firmeza  
 Sem ter mais sociedade, que a tristeza,  
 Nem outro emprego mais que o seu enredo.

Se da passada lida o adormecia,  
 No tumulto dos ais o despertava  
 O continuo rumor da fantasia.

A rocha sempre em lagrimas banhava,  
 E quanto nella o pranto desfazia,  
 Tanto nella a firmeza fabricava.

S O N E T O.

**O** Semblante risonho, e engraçado  
 Me voltou a suavíssima alegria,  
 Nas crucis mãos da horrída agonia  
 O afflicto coração sinto apertado.

A medonha tristeza vejo ao lado  
 Fazer-me acerba, e horrível companhia,  
 E até sinto vagar na fantasia  
 A triste imagem do meu doce estado.

Com seu pesado braço a desventura,  
 Descarregando em mim golpes violentos,  
 Me vai levando á fria sepultura.

Que tristes, que horrorosos pensamentos!  
 Eu vejo a morte envolta em nevoa escura,  
 Mas não chega a pôr fim aos meus tormentos.

## M A D R I G A L.

**M** Ariposa inconstante  
Que namoras a rosa, a violera,  
E com vontade inquieta  
A toda a flor te offereces fino amante,  
Vai, leva essa meiguice  
Longe destas campinas lealdosas,  
Que póde vir Almeno; e se te visse  
Render tantas offrendas enganosas,  
Te imitaria a erratica ternura,  
Desleal a Delmira, á fé mais pura.

*Francisco Manoel do Nascimento.*

## E P I C E D I O

*A huma Senhora moribunda.*

**J**ustos Ceos, que funebres imagens,  
 Me cercão horrorosas!  
 Huma palida mão ensanguentada  
 Me rasga o triste peito,  
 Que vejo! Pois me sinto encher de susto,  
 E de pavor banhar-me.  
 Tremer-me o corpo todo, em accidente  
 Voltar-se o alegre rosto;  
 Porém de que me admiro a triste imagem  
 Me representa a idéa  
 Da minha Lidia bella, a Lidia amada,  
 Causa dos meus suspiros;  
 Quem trôcou teu semblante, que era throno  
 Da mesma formosura,  
 Em tão medonha fórma, e te arrancou  
 Do corpo a doce vida  
 Ah! Lembranças cruéis affugentai vos  
 Da minha fantasia  
 Eu julgo agora mesmo estar propinquo  
 Da minha cara Lidia  
 Como estive, ai de mim! Ao mesmo tempo  
 Que a Parca inexoravel;

Com fria mão , do corpo lhe arrancava  
 A alma preciosa.  
 Eu afflicto então vi aquelles olhos ,  
 Que a tantos morte dêrão ,  
 Tornar-se de formosos e brilhantes ,  
 Frôxos e denegridos.  
 Eu vi os seus beijos rubicundos ,  
 Das delicadas rosas  
 O mais proprio retrato. ; transformar-se  
 Na côr triste e magoada  
 Das rôxas violetas. Eu as vozes  
 Ouvi intercidentes  
 Eu vi , eu vi os braços delicados ,  
 Com movimento languido ,  
 Estar lançando a huma , e outra parte  
 E ora c'o direito  
 Amparar o semblante descorado ;  
 Ora c'o esquerdo  
 Da descomposta cama estar pendente  
 Afflicta e inquieta ,  
 Mil voltas dando ja c'o fraco corpo ,  
 Na ultima agonia.  
 Eu senti , eu senti arrelecer-lhe  
 E os ultimos arrancos . . .  
 Mas ai ! Piedosos Ceos , ai ! Que eu não posso  
 Narrar o parocismo.

S O N E T O .

**A**lberto lavrador que semeava  
Sua terra no tempo que devia,  
Quando em fim o seu trigo recolhia,  
Feitos os gastos nada lhe ficava.

Lidoro, seu visinho, que passava  
Sem semear hum dia, e outro dia,  
Tão felizmente o anno lhe corria,  
Que d'hum para o outro o trigo lhe chegava.

Albérto lhe observou a subtileza,  
Semeou como Lidoro, mas coitado  
Nem assim lhe ficou livre a despeza.

Desenganou-se, foi vender o gado;  
Porque he loucura procurar riqueza  
Quem nasceo para pobre, e desgraçado.

## SONETO.

**Q**ue escura sombra os olhos te entristece,  
 Do affadigado peito remettida ?  
 Verte-a, meu bem, nesta alma á tua unida ;  
 Mingúa a dôr, se em dois peitos se padece,

Quando a turvada chéa em forças creste,  
 Do ameaçador estrago entumecida,  
 Se o lavrador a corta, repartida  
 Os ameaços quebra, e desfalece.

Não mais, me tenhas a alma suffocada ;  
 Que he mór a dôr, qual tão suspeito agora,  
 Do que ha de ser em mim depositada.

Não cresças o pesar a quem te adora.  
 Assaz lhe dóe, ó Marcia, a séta hervada,  
 Que o ciume arrojou com mão traidora,

*Francisco Manoel do Nascimento.*

O D E

*Em hama doença do Author.*

**D**E agudes tormentos rodeado,  
Os frôxos olhos levantar mal posso,  
O debil peito, com trabalho, exhala  
Amargosos suspiros.

A cruél dextra do meu destino aváro  
Promette aos Deoses estalar soberba,  
Entre a roça fugaz do tempo aváro,  
O meu ultimo dia.

Ah! Marilia gentil, que vão murchando  
Os viçosos prazeres de algum dia,  
Os doces risos, os agrados meigos  
Já pálidos desmaião.

Vejo cahir das mãos do desengano  
Engelhadas as verdes esperanças,  
Em que os nesses desejos pasteavão  
A devorante fome.

Eu vejo a morte, sobre hum negro carro,  
Que arrojão seis mirrados esqueletos,  
Erguendo o braço meneando a foice,  
Para mim se encaminha.



Ah! cáro Seixas, corre o paño á scena,  
Levanta a personagem desvalida,  
Quebra os votos á sorte, e Atropos dura  
Ache inuteis seus passos.

De mim arranca envelhecidós males,  
Purifica este sangue, que empéstaráo  
As bebidas, que Venus nós offerece  
Por suas taças d'oiro.

Se os Filósofos rirem do meu susto,  
Eu rirei dos Filósofos, que ostentão  
Largar na urna do destino aváro  
O mesmo que mais amão.

## QUADRA.

Que importa mudar de terra,  
E baldados passos dar,  
Se a toda a parte onde os volto  
Vai comigò o meu penar.

### G L O S A.

I.

**N** Estes funebres lugares,  
Só de leões berço duro,  
Ainda em silencio escuro  
Gemem nocturnos pesares:  
Foragido aos pátrios láres  
Rude campá Alcino encerra,  
Por estranhos climas erra,  
Nelles achou sepultura;  
Sem se mudar de ventura  
Que importa mudar de terra.

II.

Com irado aspecto o vio  
Alecto quando nascia  
Não teve hum alegre dia  
Nunca a sorte se lhe rio  
Supplicou, soffreo, servio  
E seus prémios vio roubar  
Jaz neste escuro lugar  
Depois de tanto soffrer,  
De inutil pranto verter,  
E baldados passos dar.

## III.

Ah! que dos olhos de Alcino,  
O lume que hia espirando  
Foi para os meus repassando  
Agoiro do seu destino;  
Desde este influxo maligno,  
A luz, que dos olhos sóto  
Leva tal desastre envolto,  
Que até chega a infestar  
Não sei se este só lugar,  
Se a toda a parte onde es vólto.

## IV.

Em serena paz descança  
Já hoje o ditoso Alcino  
Sem temer vário destino,  
Nem duvidosa esperança;  
Só eu infeliz mudança  
No meu mal não posso achar,  
Se vou para hum lugar,  
Geme a saudade comigo,  
Se procuro em outro abrigo,  
Vai comigo o meu penar. —

IDILIO  
NATALICIO.

**H**oje quando a madrugada  
O véo das nuvens rompia,  
Cupido as azas batendo  
Os puros ares fendia.

II.

Vinha o Nume commandando  
Aláda tropa de amores,  
Que espalhava pelos ares  
Espessas nuvens de flores.

III.

Ventus a tropa seguia,  
Sobre a concha prateada,  
Cheia de flores mimosas  
Por alvas pombas tirada.

IV.

Trazia comsigo as graças ,  
Festões de flores formando ,  
Com as quaes jasmins , e myrtos  
Hião sempre misturando.

V.

A's fulvas margens do 'Téjo  
Pouza Amor , e Venus bella ,  
Onde elle postando a tropa ,  
Foi tomar as ordens della.

VI.

Venus então apertando  
O cáro filho entre os braços ,  
Sahe com as Graças da concha ,  
E segue de Amor os passos.

VII.

Alinhada a tropa toda ,  
Carrega-se a artilheria ;  
Soão vivas , e descargas  
Em applauso 'deste dia.

VIII.

Depois disto a voz soltando  
Amor com doce transporte,  
Beija o estandarte, a arca  
Falla o Nume desta sorte.

IX.

„ Este dia he consagrado  
„ Da formosa Aonia aos annos,  
„ Memoravel fique sendo  
„ Para sempre aos Lusitanos.

X.

Eis soão novas descargas  
Acaba Amor de fallar,  
E segunda vez mil vivas  
Sobem alegres ao ar.

XI.

Pede então Venus ao filho;  
Que descance o batalhão;  
E á voz de Amor os Amores  
Largão as armas da mão.

XII.

Pelas praias salitrosas  
Entrão todos a correr,  
Nos saltos alternativos  
Dando signaes de prazer,

XIII.

Huns, com doirados farpões,  
Escrevem na loira arêa  
O nome de Aonia bella,  
Que he de mil encantos chêa.

XIV.

Outros do Têjo se lanção  
A's mansas aguas serenas,  
Já mergulhão, já sacodem  
Das brancas azas as pennas.

XV.

Sentados na fulva praia,  
Muitos destes Cupidinhos  
Aos que mergulhão nas aguas  
Atirão lizos seixinhos.

XVI.

Em quanto a tropa de Amor  
Na praia lèda brincava,  
Venus das Graças cercada  
A seu filho assim fallava:

XVII.

„ Tu, filho meu, que a teu jugo  
„ Tens povos mil sujeitado,  
„ Sem te escapar aureo sceptro  
„ Nem tosco duro cajado;

XVIII.

„ Nunca jámais neste dia  
„ Te mostres contra os humanos,  
„ Neste dia só te ordeno,  
„ Que louves de Aonia os annos.

XIX.

Assim fallou Venus bella;  
E para a concha subindo,  
Com as Graças velozmente  
Vai os ares dividindo.



XX.

Ao sinal do Commandante  
Soão festivos tambores,  
E de improviso se alinha  
O batalhão dos Amores.

XXI.

Nisto as azas desprendendo  
Cruza a tropa os densos ares,  
E de Amathunta no templo  
Foi, Aonia, erguer-te altares.

XXII.

Ah ! Praza aos Ceos, que mil vezes  
A teus pés calcando o vicio,  
Da Ventura ao lado, contes  
O teu dia Natalicio.

XXIII.

Praza aos Ceos, que sempre bella,  
Sempre da Sorte querida,  
Gozes cheia de prazer  
Os recreios desta vida.

O D E.

**A** Dore embora o chapeado cofre.  
• O sórdido avarento :  
Nos campos de Mavorte se esclareça  
O affrontoso guerreiro :  
O azul tridente de Neptuno affronte  
O Nauta destemido :  
Que eu só anhélo, Marcia, nos teus braços  
Gozar suave nectar.

## S O N E T O.

**T**U não ouviste, Amor, na despedida,  
Como Delmira ser fiel me jura?  
Que protestos! Que fé constante, e pura  
Me não promette aquella fementida!

Tu viste os prantos, viste a côr perdida;  
Soluçar, Desmaiar de ancia, e ternura;  
Segurar, que ainda além da sepultura  
Leal me guardaria a fé devida.

„ Do Ceo, dizia, o lume fulminante,  
„ A vida, a indigna vida, sem piedade  
„ Me consuma, se falto a ser constante. „

Ah! Pasma, Amor, da torpe deslealdade!  
Vem. Vê Delmira em braços d'outro Amante,  
Vem. Apprende esta nova falsidade!

*Francisco Manoel do Nascimento.*

## QUADRA.

Eu vendo o meu coração.  
 Bem barato na verdade,  
 E não ha quem lance nelle  
 Hum real de lealdade.

## G L O S A.

I.  
**J**A' cansado de soffrer  
 Desprezos, e tyrannias,  
 Com que Amor todos os dias  
 Me trata por me offender;  
 Amante não quero ser  
 Por fugir á ingratição,  
 E para que tentação  
 Não tenha outra vez de amar,  
 A quem mo quizer comparar  
 Eu vendo o meu coração.

II.

Vendo-o, mas não por dinheiro,  
 Por lealdade he que o vendo;  
 Negocio este, que entendo  
 Não prejudica a terceiro:  
 He coração verdadeiro,  
 Cheio de fidelidade;  
 Mas pela infelicidade  
 Grande com que sempre amou,  
 A quem mo comprar o dou  
 Bem barato na verdade.

III.

Quero ficar descansado  
 Izento de querer bem,  
 Livre de atrair a quem  
 Sempre me trouxe enganado;  
 Porém sou tão desgraçado,  
 Que por mais que ande com elle,  
 Sabendo deste, e daquelle,  
 Se o querem comprar então  
 Todos me dizem que não,  
 E não ha quem lance nelle.

IV.

Esta a misera figura,  
 A que vejo reduzido  
 Hum coração, que tem sido  
 Vivo exemplo da fé pura:  
 He tal sua desventura,  
 E minha adversidade,  
 Que em tanta necessidade  
 Comprador não acho, que  
 Ao menos por elle dê  
 Hum real de lealdade.

## QUADRA.

Meu amor será eterno ,  
 Minha fé não terá fim ,  
 Se he preciso juramento  
 Desde já digo que sim.

## G L O S A.

**T** I  
 Endo Filinto immolado  
 Aos Deoses da Estigie féa ,  
 Lá c'o a Sibilla Cuméa  
 Desceo de loiro coroadô ;  
 „ Numes , diz , do Orco enlutado ,  
 „ Que o juramento superno  
 „ Sustentais no lago Averno  
 „ Venho ante vós protestar ,  
 „ Que tendo a alma eterno amar ,  
 „ Meu amor será eterno.

## II.

Da gentileza mimosa  
 „ Não dou só culto aos altares ,  
 „ Amo as graças singulares  
 „ D'huma alma inda mais formosa :  
 „ A fé , de amor duvidosa  
 „ Firmar nestas aguas vim ,  
 „ Vibre embora contra mim  
 „ A morte a foice fatal ,  
 „ Como eu amo o immortal ,  
 „ Minha fé não terá fim.

III.

Pela Estigie paludosa  
 O voto sou de Orfeo,  
 A Esposa se entristeceu,  
 Suspirou Dido invejosa:  
 A Sibilla cautelosa,  
 Como o Lethes somnolento  
 Causar usa esquecimento;  
 Lembra a Filinto o jurar,  
 Porque podia ignorar  
 Se he preciso juramento.

IV.

Chegou ao lago onde estão  
 As fôrmas das mortas rezes,  
 Marilia chamou tres vezes,  
 E metteo ousada a mão  
 „ Para que não seja em vão,  
 „ O voto que fazer vim,  
 „ Nem c'o a morte tenha fim,  
 „ Por este lago sagrado  
 „ Juro que será guardado,  
 „ Desde já digo que sim.

Q U A D R A.

Teu nome escrevi na arêa,  
 Que banha o visinho mar;  
 Eu vi as ondas pulando  
 Virem teu nome beijar.

G L O S A.

I.

**D**Eixaste a praia arenosa,  
 Laura, a vida aos mares dando,  
 E eu te fui acompanhando  
 Com vista longa, e saudosa;  
 Quiz chamar teu nome, e anciosa  
 Voz com os suspiros se enleia,  
 Corta as letras, titubêa,  
 E não podendo dizê-lo,  
 Por me consolar em lêlo  
 Teu nome escrevi na arêa.

II.

As letras se levantavão,  
 E as Graças as defendião  
 Das lagrimas que chovião,  
 Dos suspiros, que sopravão;  
 Os Amores as guardavão,  
 Mal que o Ceo vião toldar,  
 E eu vi teu nome ficar  
 Como em bronze indissolvel,  
 Na mesma arêa voluvel,  
 Que banha o visinho mar.



III.

Venus, que do mar brotou,  
 E alli vê teu nome erguido,  
 De inveja o peito incendiado  
 A Eólo se pranteou;  
 Logo o Deos desencerrou  
 Os ventos, que vão bramando  
 C'o as cheias boccas soprando,  
 Vão mil furacões na praia,  
 E qual mais ao longe saia  
 Eu vi as ondas pulando.

IV.

Amor, que honra o nome teu,  
 E até aos Numes dá pena,  
 A Neptuno, e a Eólo ordena,  
 Que o respeitem, mais que o seu;  
 Neptuno logo estendeo  
 O tridente sobre o mar,  
 Fez Eólo afferrolhar.  
 Os ventos tempestuosos;  
 Eu vi ambos respeitosos  
 Virem teu nome beijar.

## Q U A D R A.

Hum coração só não póde  
Soffrer tantas semrasões,  
Ou me dá menos pezares,  
Ou me dá mais corações.

### G L O S A.

I.

**L**A' da urna, que sustenta  
A lethifera cohorte,  
Dos males tirou a sorte  
A dôr, que a alma me atormenta:  
Rogo a Amor, que a magoa augmenta,  
Que a hum fragil peito accomode,  
Ah que morro, ah não me acode,  
Não me valem ais, nem pranto;  
Morrerei, que soffrer tanto  
Hum coração só não póde.

II.

Irei a agua denegrída  
Rasgando em limosa barca,  
Saber porque a injusta Parca  
Fiou tão infausta vida:  
Das furias na espavorída  
Face, que atterra os leões,  
Indagarei as rasões  
Da lei iniqua, e cruel;  
Porque ha de huma alma fiel  
Soffrer tantas semrasões.

## III.

Do Averno arbitro supremo  
 Eu sou o infeliz Dorindo,  
 Este infausto nome ouvindo  
 Acheronte, larga o remo;  
 Soffro innocente, e não temo  
 Quantas penas decretares;  
 Mas se ha nos teus impios lares  
 Justiça, ou me dá valor  
 Para soffrer tanta dôr,  
 Ou me dá menos pezares.

## IV.

Ao som do magoado grito  
 Mil sombras vans me acenarão,  
 E as aguas mais se turbarão  
 Do empestado Cocito:  
 „ Nume, instei, se o meu delicto  
 „ Vem de innocentes paixões,  
 „ Com sobejas afflicções  
 „ O espiai, e se he pouca a pena,  
 „ Ou a morrer me condemna,  
 „ Ou me dá mais corações.

QUADRA.

O meu coração de zelos  
Sinto já desfalecer,  
Vão-se acabando os meus dias  
Ninguem me póde valer.

G L O S A.

I.

**S**ervi com puro querer  
Ninfa, que me foi roubada,  
Reciproca fé jurada  
Violou barbaro poder;  
Sustentava a vida em ver,  
 Bem que ao longe, huns olhos bellos,  
Mal que me negarão vê-los  
Vou-me sentindo acabar,  
E mudamente estalar  
O meu coração de zelos.

II.

Os olhos se vão sumindo,  
As faces amarelescem,  
Os inertes queixos descem,  
Vão-se os beiços denegrindo,  
Fria lagrima cahundo  
Sinto o rosto humedecer;  
Busco a luz não a posso ver,  
Quero andar não reço os passos,  
Gélão-se as mãos, e os braços  
Sinto já desfalecer.

III.

Já a fatal, e annosa Parca,  
 Abre a tizoira estridente,  
 E hum curto fio sómente  
 Entre longas têas marca;  
 Acheronte chega a barca  
 Para áquem das margens frias,  
 Vejo famintas arpias,  
 Que de longe o ar infestão;  
 Poucos momentos me restão  
 Vão-se acabando os meus dias.

IV.

Caso tão desventurado  
 Já desde o espaço infinito,  
 Foi pelo destino escrito  
 No escuro livro bronzeado;  
 Nem o imperio a Jove dado,  
 Póde o destino volver,  
 Nem ferreo braço soste,  
 Vai-te, esperança, eu bêm sei,  
 Que depois de escrita a lei  
 Ninguem me póde valer.

## QUADRA.

A causa porque eu suspiro  
 Não a posso declarar,  
 Os segredos de meu peito  
 São motivos de eu penar.

## X G L O S A.

I.  
**S** Eu thesoiro Amor abriu,  
 E huma Ninfa appareceo,  
 Que esta alma isenta rendeo,  
 E a todo o mundo que a vio;  
 Porém Amor mal que ouvio  
 O meu primeiro suspiro,  
 No sacro, e escuro retiro  
 De hum Nume me fez entrar,  
 Onde eu jurasse occultar  
 A causa porque eu suspiro.

II.  
 Era o Silencio este Nume  
 De triste, e pêsado rosto,  
 Como quem calla hum desgosto,  
 Que as entranhas lhe consume:  
 Hum só ai, hum só queixume  
 Jámais se me ouvio formar;  
 Luz escaça, escuro altar,  
 Qual seja a tristeza, o medo,  
 Que infunde o Deos do segredo  
 Não a posso declarar.

. III.

Fui ao Nume apresentado,  
 Elle a jurar me acenava,  
 Que a bocca lhe afferrolhava  
 Diamantino cadeado:  
 Foi-me o juramento dado  
 Nas mãos do austero Respeito,  
 Sacerdote ao Nume acceito,  
 Sem que os votos proferisse,  
 Só porque ninguem me ouvisse  
 Os segredos de meu peito.

IV.

Desde então se foi nutrindo  
 Callada chama nas veias,  
 Créem-me livre de cadeias,  
 Choro, e pareço estar rindo:  
 Vêr da Ninfa o gesto lindo  
 O prémio he do meu amar;  
 Mas não lhe poder narrar  
 A paixão que o peito calla,  
 Nem poder deixar de amá-la  
 São motivos de eu penar.

## QUADRA.

Verás os raios de Amor  
Sobre a ingrata fusilar,  
Hade a chama consumi-la  
Mesmo Amor se ha de vingar.

## G L O S A.

### I.

**Q**ueixei-me a Amor de Lidora,  
Chorando até o seu Altar,  
Meu pranto incendeo o ar;  
E esta voz sou cá fóra:  
„ Verás punida a traidora,  
„ Soffrendo o mal pago ardor,  
„ E por lhe dobrar a dôr  
„ Na cabeça, pés, e lados  
„ Estalar affogueados  
„ Verás os raios de Amor.

### II.

Eis mil sétas abrasadas,  
Os amores despedião,  
Que horrisono som fazião  
Humas por outras cruzadas;  
Vi as nuvens pateadas,  
Em basso chumbo trocar,  
Ao longe ouvj trovejar,  
E vi n'huns breves instantes  
Mil coriscos crepitantes  
Sobre a ingrata fusilar.



III.

Basta , Amor , disse eu , piedade ,  
 Não ha culpa entre os humanos  
 Em que os Deoses soberanos  
 Vinguem toda a potestade :  
 Saturno c'o as cans da idade  
 Bastará para affligi-la ;  
 Mas Amor , que iras scintila  
 Enfurecido tornou ,  
 „ Como a chama profanou  
 „ Ha de a chama consumi-la.

IV.

„ Vivirá em pranto , e ais  
 „ Té que as continuas , e ardentes  
 „ Lagrimas deixem patentes  
 „ No rosto os fundos sinaes ;  
 „ Em penas , e ancias mortaes  
 „ Ver-lhe-has a vida acabar :  
 „ A honra do meu altar  
 „ Não soffre outro vingador ,  
 „ A offensa foi feita a Amor  
 „ Mesmo Amor se ha de vingar.

## Q U A D R A.

Dormindo estive sonhando  
 Que me morrias , meu Bem ,  
 Acordei pedindo a Amor,  
 Que me matasse tambem.

### G L O S A.

#### I.

**J**A' da noite a divindade  
 O sceptro de chumbo alçava,  
 E os viventes sepultava  
 Em silencio, e escuridade:  
 Eu, que em amarga saudade  
 Passava o dia chorando,  
 Adormecia, mas quando  
 Repouso buscava á dôr,  
 Com desastre ainda maior  
 Dormindo estive sonhando.

#### II.

Sonhei, Marilia, que horror!  
 Ver-te pálida espirando,  
 De hum lado as Graças chorando,  
 D'outro soluçando Amor:  
 Seguida de ~~As~~, e temor  
 A escarnada morte vem,  
 Já erguida a foice tem,  
 Estalar a alma sentia,  
 Quando sem remedio via  
 Que me morrias, meu Bem.

III.

Resoava o ferro abrindo  
 Na dura terra o lugar,  
 Que te devia occultar  
 Para sempre ao teu Dorindo:  
 Eu te via ir conduzindo  
 Seguida de ais, e temor,  
 Perdi de todo o valor,  
 Chamo-te, louco te sigo,  
 Que me sepultem contigo  
 Acordei pedindo a Amor.

IV.

Amor, que de longe ouvia,  
 E com meus ais se pagava,  
 Já o pranto me enxugava,  
 Já c'o as azas me cobria:  
 Eu afflicto lhe pedia,  
 Que me tornasse o meu Bem,  
 E se elle vida não tem,  
 Que a mesma morte mandasse,  
 Que a minha fé coroasse,  
 Que me matasse tambem.

S O N E T O.

**P**Or Marcia o Deos de Amor, d'amor mor- (rendo,  
 N'hum quadro sua imagem debuxava,  
 E ao mais leve bosquejo, que lançava.  
 Suavissimo canto hia tecendo.

De minha mãe as faces estou vendo,  
 Dizia, quando as faces lhe pintava,  
 Este esplendor no Sol invejas crava,  
 Dizia, os lindos olhos descrevendo:

Eis as delicias do macio tacto,  
 Pintando o peito diz, e ao alto pula  
 Battendo a miudo as mãos, como insensato.

Torna a pintar quando huma voz ulula  
 = He ingrato esse peito = ao som de ingrato  
 Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.

S O N E T O .

**M**arcia ! Marcia ! Meu Bem , <sup>(enchente</sup> que grossa  
De prazeres pela alma se me espalha !  
Oh ! Como ao verte , fuge , e se trasmalha  
Dos pezares o turvo bando ingeate !

Não sou em mim. A alvoroçada mente  
Soltar-se emprende, e a ti voar trabalha.  
Acode Amor, no coração entalha  
Vindouros gostos e o farpa ardente.

Hei de ser mais feliz. Sópro divino  
A idéa arrebatada me bafeja,  
Já ouço a voz do oráculo benigno :

„ Terás Marcia , a pesar do Ciume e Inveja ;  
„ Gozarás de seu peito allabastrino  
„ Tens deos Amor no Ceo que te proteja .

*Francisco Manoel do Nascimento.*

O D E.

I.

**D**E seguir no alto monte  
 Fatigado as bravas fêras  
     Huma fonte,  
 Que toldavão verdes heras,  
 E bordava o fresco prado  
     De junquinhos,  
 De violas, de tomilhos,  
 A buscar baixo apressado,  
 Por matar a sede ardente,  
     Em a frigida corrente.

II.

Quando Amor que repousava  
 De Nigéla no regaço,  
     Despertava  
 C'ò rumor, que ao passar faço;  
 Ergue o rosto, e ao ver que eu era  
     Quem buscando  
 Da fontinha o cristal brando  
 Sua doce paz lhe altera;  
 Toma o arco, que deitado  
 Entre a relva tinha ao lado.

III.

Huma sêta, cuja ponta  
 Era d'oiro o mais brilhante,  
     Nelle aponta  
 Vôa o raio penetrante,  
 E veloz me passa o peito.  
     O Tyranno  
 A ferida vendo ufano,  
 Com hum riso contrafeito,  
 Olha, diz, Pastor grosseiro,  
 Se he Amor destro frecheiro.

IV.

E voltando-se a Nigélla  
 Desta sorte continúa:  
     Ninfa bella,  
 A conquista será tua,  
 A' tua ira, aos teus rigores  
     Novo emprego  
 Neste louco hoje te entrego;  
 Morra em vão por ti de amores,  
 Soffra, e cale o seu aggravo;  
 Pois to entrego para escravo.

V.

Ai de mim, a deshumana  
Tomou bem esta doutrina!

Pois tyrantia

O meu mal, minha ruína

Só deseja, só pretende

Improperios,

Crueldades, vitupérios,

O servi-la só me rende,

E de tão injusta sorte

Só livrar me póde a morte.

*Antonio Diniz da Cruz e Silva*

O D E.

I.

**T**Urva a chuva as claras fontes,

Que risonhas murmuravão,

E os ribeiros

Escumando cahem dos montes

As campinas alagando,

Que pouco antes lisongeirós

De mil flores esmaltavão

Frescos zefiros voando.



II.

Brama o Noto, e enfurecido  
 Grossas naves revolvendo  
                     Em seu seio  
 Nos esconde o Sol luzido  
 Com estranha ligeireza  
 Rompe a noite, e o manto feio  
 Sobre os campos estendendo,  
 Cobre os peitos de tristeza.

III.

Bella Eralia, em quanto irado  
 Brame o Bolo, o Gen troveja,  
                     Nictileu  
 E de Chipre o Deos vendado  
 Seus prazeres derramando  
 No teu peito, e peito meu,  
 Da sua ira nos proteja,  
 Torne o tempo alegre, e brando.

IV.

Entre as taças, que derramão  
Hum suave, e vivo fogo  
Os Amores  
Ardem mais, e mais se inflammão,  
Ao enxame dos desejos,  
Dos desejos brincadores,  
Livre o campo deixão logo.  
Brandas iras, falsos pejos.

V.

Eia pois não te demores,  
Vem Éralia entre meus braços,  
Nelles corôa  
O prazer nossos amores,  
Reine o gosto, e a alegria,  
Pois ou vente, ou chova, ou troe,  
Entre tão suaves laços  
He rosado sempre o dia.

O mesmo.

## O D E.

## L

**J**A' no Oriente  
 D'alva a estrella  
 Risonha, e bella  
 De alegres luzes  
 Coroadá a frente  
 Na aurea carroça,  
 Vem desfazendo  
 A sombra grossa,  
 Que a sêa noite  
 Triste espalhou.

## II.

Do alvo regaço  
 Entre os esplendores  
 Fragantes flores  
 Lança em chuveiros  
 O eburneo braço,  
 E os passarinhos  
 Com doces cantos  
 Pellos raminhos,  
 Estão saudando  
 Seu resplendor.

III.

Neste almo dia  
 Aglaia bella,  
 Que avara estrella  
 Desta ribeira  
 Ha tanto havia  
 Cruél roubado,  
 C'os olhos bellos  
 O verde prado  
 Floridós montes  
 Torna a alegrar.

IV.

Colhei amores  
 Mirtos, e rosas,  
 Colhei formosas  
 Ninfas do Têjo  
 Conchas, e flores,  
 Ricas capellas  
 Ledas tecendo  
 Vinde com ellas,  
 As tranças d'ouro  
 Vinde ennastrar.

## V.

Eu, que vos chamo.  
Serei o guia ;  
Assim dizia  
Amor voando  
De ramo , em ramo ;  
Então ao prado  
Veloz descendo ,  
Hum delicado  
De lindas flores  
Ramo teceu.

## VI.

E a mim voltando ,  
Me diz : Elpino ,  
Feliz destino  
He hoje o teu ,  
Parte voando ,  
A' Nihfa bella  
Leva este ramo ,  
Dize , que a ella  
Por ti lho envia  
O mesmo Amor.

O D. E.

I.

**P**ois que o raivoso  
Celeste cão  
Como hum leão  
Por fauces, olhos,  
Chamas vibrando  
Vem abrasando  
A terra, e Ceo.

II.

Vem a meus braços,  
Licóris bella,  
E a féra estrella  
Deixa que ladre,  
Em raiva acceza;  
Pois que a defeza  
Já prompta está.

III.

Essa nevada  
 Gran sorveteira  
 Abre ligeira,  
 Abre contente,  
 Que dentro nella,  
 O Ninfa bella,  
 Tu acharás:

IV.

Das róxas ginjas  
 A doce calda  
 Do Sol que escalda,  
 Ella defende;  
 A fria neve,  
 Que a cerca em roda,  
 A congelou.

V.

Esta bebida  
 Suave, e pura,  
 Que na doçura  
 Excede o nectar,  
 Que da amethista  
 Offerece á vista  
 A grata còr.

## VI

Só domar póde  
 Os seus furores,  
 Bebe licores,  
 Bebe, e com' ella  
 Gostosa esfria  
 Do ardente dia  
 O vivo ardor.

*O mesmo.*

## O D E.

## I.

**V**Es, Lizio amado,  
 Como branqueja  
 C'ò a neve o prado,  
 Vês como alveja  
 Do calvo monte  
 A crespá fronte?



II.

Como soprando  
 O Noto frio  
 Vai congelando  
 O claro rio,  
 E na floresta  
 As plantas cresta?

III.

Em vão forrado  
 De mantas finas,  
 Seu bafo irado  
 Vencer destinas,  
 Que o sopro agudo  
 Penetra tudo.

IV.

De Baccho ardente  
 A Ignea lança,  
 O Inverno algente  
 He quem amansa,  
 Quem lhe faz guerra,  
 E quem o atterra.

V.

Tristes cuidados  
Da vida algozes,  
Aos denodados  
Ventos ferozes  
Meu Lizio entrega,  
E aqui te chega.

VI.

Abranda a chama,  
Que em sécos troncos  
Arde, e se inflamma;  
Do Noto os roncós  
Escutaremos,  
E beberemos.

VII.

Vinhos, e cidra  
Promptos estão,  
Do Inverno a hydra  
Estroncará  
Quais tu quizeres,  
Quais escolheres.

VIII.

Voão os annos,  
 Que o tempo leve  
 Cobre de damnos,  
 A vida breve,  
 Que por fim séga  
 A morte céga.

IX.

Passa o prudente,  
 Que a razão préza,  
 Vida contente;  
 Pois com tristeza  
 Atormentada  
 He encurtada.

X.

Ou da riqueza  
 No molle seio,  
 Ou da pobreza  
 No gremio feio,  
 E da desgraça  
 Ella em fim passa.



XI.

E igual a Parca  
De hum pobre a vida,  
E a de hum Monarcha  
Corta insoffrida,  
E ao Rei, e ao pobre  
A terra cobre.

*O mesmo.*

O D E.

I.

**A** Mor que ouvir desejava  
Das Musas a melodia,  
Ao Pindo subir queria;  
Mas de subir receava,  
Pois ao vê-las tão esquivas,  
As temia vingativas.

II.

Longo tempo vacillou  
 Entre o desejo, e o recio;  
 Em fim de seu valor cheio  
 Oculto ao mundo voo;  
 Nas rapaz travesso, e esperto  
 Como estaria encuberto!

III.

Qual relampago brilhou  
 Por entre a rama virente  
 De seu facho a luz ardente,  
 E o mundo todo assustou,  
 As Musas se alborotarão,  
 E para o punir se arriarão.

IV.

Toda a floresta intrinçada  
 Com subtil rede e ingirão,  
 E ardilosas a cubrirão  
 Com a rama levantada:  
 Amor, que não tem cautela,  
 De improviso cahi nella.

V.

A' rede as Musas corrêrão,  
 E as tenras mãos delicadas,  
 De nievos jasmims formadas  
 Com cadêas lhe prendêrão,  
 Rente as azas lhe cortárão,  
 Arco, e sétas lhe quebrárão.

VI.

Depois de assim espancado,  
 Sem ouvir suas rasões,  
 O deixão com mil baldões,  
 D'hum rosal ao tronco atado;  
 Suspirar, bradar ao Ceo,  
 De nada a Amor valeo.

VII.

As liras então velozes  
 Tomão cheias de alegria,  
 A cantar sua victoria  
 Se dispõem em altas vozes;  
 Mas em vão, que a seus acentos  
 Não convém os instrumentos.

VIII.

Huma, e outra vez concertão  
 As liras de oiro esmaltadas;  
 Mas c'ò as notas levantadas,  
 Por esta vez não acertão  
 Com as notas de que usavão,  
 Quando só heróes cantavão.

IX.

Em vez dos sons magestosos,  
 Que de gloria o peito inflammão,  
 Huma, e outra vez derramão  
 Huns accents maviosos,  
 Que provocão a ternura  
 Do monte a penha mais dura.

X.

Hum brando ardor de repente  
 Se espalhou pela montanha,  
 Hum fervor, huma ancia estranha  
 Em toda a parte se sente,  
 Hum confuso pensamento,  
 Que he prazer, e que he tormento;

XI.

De tão raras maravilhas  
Atonitas, admiradas,  
Por algum tempo assustadas  
Ficção da Memoria as filhas,  
A quem até alli notoria  
Só fôra a paixão da gloria.

XII.

Mas, que Amor era o motivo  
Destes prodigios no Pindo,  
Pouco depois reflectindo  
Soltar vão o moço esquivo;  
Do monte mandão que desça,  
Que alli mais não appareça.

XIII.

Mas Amor, que nesta empresa  
Perdera ditosamente,  
Com as pennas juntamente  
A inconstancia, e a leveza,  
E prezo das Musas bellas  
Só feliz se cre com ellas.



XIV.

Lança-se aos seus pés ligeiro,  
 E com rogos, e ternura  
 Lhe pede, protesta, e jura  
 Ser seu fiel companheiro  
 De as seguir sempre contente  
 A sua voz obediente.

XV.

Daqui vem, que em toda a parte  
 Amor com as Musas se mira,  
 Que elle em seus cantos inspira  
 Novas graças, e nova arte,  
 Que em vão quer sua harmonia  
 Sem amor a hypocrisia.

*O mesmo.*

S O N H O .

**O** vós Zefiros brandos, que voando  
 A' vista do Mondego, que allí corre  
 Por entre as verdes flores desta faixa  
     Brincaes alegremente,  
 Em quanto do trabalho fatigada  
 Repousa em doce somno a gente humana  
 Eu só desperto neste fresco valle  
     Com vosco estou velando.  
 Tudo dormindo está, tudo descança,  
 E a minha Alcida a estas horas dorme;  
 Porém dormindo lá me tem consigo  
     No brando pensamento:  
 Se acaso, amaveis sonhos, estas fãias  
 Neste lugar por minhas mãos plantadas  
 Prazer vos dão em quanto dorme Alcida,  
     Voai aonde eu vos mando  
 Nas frescas margens dos serenos rios,  
 Que regão Paphos, e os Jardins d'Italia.  
 Cresce, travessa chusma numerosa  
     De brincadores sonhos,  
 Com as azas bordadas de mil côrcas,  
 De que dependem mil, e mil desejos,  
 Quaes lindas borboletas revoando  
     Por entre os myrthos brincão.

Ora se sentão nas fragantes rosas,  
 Ora se banhão na mais clara fonte,  
 Dormem de dia velão toda a noite.

Varias figuras tomão,  
 Citherea os sustenta, Amor os manda,  
 E a seu maço ficis, que n'alta noite  
 Da donzella genti o casto seio

Ousados accommettem.

Se amaste já, se o meu amor vos move,  
 Voai Zefiros meus, voai ligeiros,  
 Colhei-me á mão os sonhos mais formosos,  
 Colhei quantos pudédes.

Trazemos sobre as azas bem seguros,  
 Que vos não fuja hum só; em nos trazendo  
 Voai, voai depressa, ide lança-los

Sobre os peitos d'Alcida.

Sobre os peitos de Alcida inda nascentes  
 Hum a hum os lançaí, mais com brandura  
 Cubrão seus peitos mil travessos sonhos,

E com elles se abracem.

Dahi com brandõ geito, e gentil força  
 Té o seu coração manso calando,  
 Todos a hum tempo gostos mil lhe finjão,

Excitem mil prazeres.

Acorde o seu amor, despertem n'alma  
 Doces lembranças, que até ahi dormião,  
 E brotem lá das íntimas entranhas

Fervorosos desejos.

Arda mais incendiada a chama viva,

Que por mim de continuo arde lá dentro,  
De veia em veia vá lavrando o fogo,  
E o corpo lhe repasse.

Suspire então d'Amor, Alcino chame,  
Só veja o seu Alcino por quem morre :  
Amaveis sonhos, se em vós ha ternura  
Mostrai-lhe o seu Alcino.

De gosto ao ver-me o coração lhe salte,  
Doce sorriso por seu rosto võe,  
A mão me estende, como quem me chama  
A seus queridos braços.

De seus mimosos encarnados beijos  
Desprende, inda que em vão, risonhos beijos,  
Solte vozes d'amor, e de ternura  
Banhada d'alegria.

Como se junto a si, o seu Alcino  
Doce tivera sobre os alvos peitos;  
Cruze com ancia os amorosos braços,  
Nelles me tenha prezo.

Então em mil prazeres entranhada  
Solte hum terno suspiro, e vós ó ventos,  
Trazei-mo aqui depressa, inda abrasado  
Das chamas de seu peito.

## E P I C E D I O

*A morte de José Francisco Leal, Lente de  
Medicina na Universidade de Coimbra.*

**Q**ue nova confusão ! Que triste scena,  
O ar toldado, o vento enfurecido  
As nuvens do seu seio despejando  
    Chuveiros inundantes,  
Fusila ao longe o rápido corisco,  
Horroroso trovão nos valles sôa,  
Apinhão-se os rebanhos, assombrado  
    Treme o pastor de susto.  
Lá dos altos zimborios tristemente  
Negras nocturnas aves vaticinão  
Hum terrivel successo, hum caso raro,  
    Hum caso memorando.  
Quanto a face da terra está mudada !  
Parece, que os seus eixos tem perdido  
A machina do mundo, o triste inverno  
    Já mais foi tão funesto.  
Que nova confusão, que triste scena !  
Das concavas cavernas do Mondego,  
Como nunca se vio, as Ninfas todas,  
    Afflictas vem sahindo.

De funebre tristeza revestidas,  
Soltos ao vento os lucidos cabellos,  
Estas tristes canções chorando então  
Ao som da rouca lira.

Morreo, morreo, quem as verá sem pranto!  
Hum mestre abalisado, hum homem raro,  
Em idade viril, tyrannas Parcas,  
A vida-lhe roubarão.

Hum Apollo, hum Orfeo perdemos nelle:  
He justo pois, que tão sensivel perda  
Seja sempre chorada; em quanto as aguas  
Bebermos do Mondego.

Oh! Quantas vezes nestas mesmas margens  
Ao seu toque suave não dançamos;  
Quantas vezes, ó rio, não paraste  
Na rápida corrente.

Seu nome proferir a dôr não soffre,  
Que as vozes na garganta ficão prézas;  
He grande a magoa, he grande o sentimento,  
Choramos sem remedio.

Os mesmos elementos perturbados  
Tambem querem sentir tão grande perda;  
Suspira e geme a Natureza toda,  
Tudo com nósco sente.

Já não existe, que terrivel magoa,  
Hum genio singular, profundo, e raro,  
Hum docil coração, huma alma nobre,  
Tão cedo se perdêrão.

Que razão, justos Ceos, vos move a tanto!

Porque motivo não fazeis eternos  
Os homens grandes, os varões preclaros  
As almas sublimadas.

Se tu, genio immortal, lá nesse assento,  
Onde a virtude em doce paz impéra,  
Lembrança deste mundo inda conservas,  
Accéita o nosso pranto.

Os olhos hum momento á terra volve,  
Verás banhado de amargoso pranto  
O teu frio cadaver, os despojos,  
Que vemos por instantes.

Teus tristes companheiros soluçando  
Verás tambem c'ò a Academia toda  
Seu choro misturar, tanto magôa  
Tua fatal ausencia,

Repousa em paz, repousa eternamente,  
Que o tempo gastador tua lembrança  
Ha de mais respeitar, que não respeita  
O bronze, o diamante.

O D E.

I.

**C**ercando a urna d'ouro  
 Eu vejo os Generaes do forte Grego;  
 A' fria sombra me avisinho, e chego,  
 'Observo o murcho loiro  
 Na descorada testa:  
 Nada do antigo resplendor me resta,  
 Mal da languida mão d'industria préso.  
 Cahe, ou pende do sceptro o inutil pezo.

II.

Se serás de Filippe  
 O vencedor herdeiro, aqui pergunto,  
 Deixa que o mundo a teu cadaver junto  
 Este aviso antecipe;  
 Elle não pôde crer-te,  
 Se hoje, Olimpias, por ti lagrimas vérté,  
 Aonde estão os grandes, onde as glorias  
 Com que a Pátria te honrou, tantas victorias?



III

As legiões distantes  
Aos limites das terras verdadeiras,  
Nós te vimos marchar entre guerreiros.  
Esquadrões triunfantes:  
Té os reinos d'Aurora.  
Levaste o ferro, e a chama abrasadora,  
Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio  
Voltas de luto, a terra te abre o seio.

IV.

E que espaço te espera  
Do conquistado globo? Acaso a vasta  
Extensão do Universo? Ah não, não basta  
A Alexandre, que dera  
Tanto susto ao Universo,  
Que affrontando o terror de Marte adverso,  
De novos mundos a conquista aspira,  
Não basta o mundo todo a erguer-lhe a cruz.

V.

Do Antartico a Calisto  
O ambito se busque ; neste espaço  
Se guarde o peito , e se sepulte o braço ,  
Que a Grecia tam já visto  
De rápidas campanhas  
Tinto no sangue , ó Ceos , elle ás entranhas  
Da terra desce aqui em termo breve ,  
Sóbe ao sepulchro , e cobre-o terra leva.

VI.

Grandes , que arrebatados  
Da soberba ambição , levais a guerra  
A's mais longiquas regiões da terra ,  
Agora debruçados ,  
Se he que o pasmo o concede ,  
Sobre o sepulchro de Alexandre , vêde  
Como eloquente o seu silencio dita  
Os desenganos , que a razão medita.

VII.

Filosófos de Athenas,  
 Os pórticos deixai de Themis clara,  
 Lição mais digna hum morto vos prepara :  
 Da Academia as serenas  
 Estudiosas horas  
 Abandonai, tu, que divino fóras  
 Sábio Platão se esta doutrina leras,  
 Como tardas a vir, que mais esperas ?

VIII.

Mas já dizer-te escuto  
 A' vista do espectáculo funesto ;  
 Este do heroe o desgraçado resto ?  
 Das conquistas o fructo !  
 Outros a colher correm,  
 Se quentes inda da victoria morrem  
 Os dominantes d'Asia ; oh ! E quão pouco  
 Dista o orgulho d'hū grande, ou já d'hū louco !

IX

O sábio d'Estegira,  
 Deixa, que entre, e registre a infausta scena,  
 Elle he que as honras funeraes ordena  
 Ao vencedor que espira:  
 - Eu te instrui prudente  
 Na temperança, diz, hoje presente,  
 Hoje a meus olhos, tu lição mais pura,  
 Me intimas desde a fria sepultura.

X

A tropel vem chegando  
 Os mais que a Grecia nos seus fastos conta,  
 Aqui Demetrio, alli Metrou, se aponta;  
 Philotes está dando  
 A distinguir seu rosto:  
 Xenofonte, Sotou, Philacu, posto  
 Cada hum sobre o tumulo feridos  
 De penetrante dôr lanção gemidos.

XI.

Tu, Philemon famoso,  
Que de teu General honraste o lado;  
Tu, que ao Thrace feros, ao Scita ouzado  
Disputaste brioso,  
Se te vejo este dia  
Suffoçar toda em lato Alexandria,  
Quando cingido de abrasadas luzes,  
Do Augusto Chefe o feretro conduzes.

XII.

Tu, só por derradeiro  
Deves alçar a voz ao giro em roda,  
Que cevão já teus olhos, pende toda  
Junto ao morto guerreiro  
A officiosa assembléa,  
Das humanas grandezas huma idéa  
Principes vos atterre; estes spectros  
Fallão só c'os diademas, e c'os sceptros.

XIII.

Ah! Possa hum destro engenho  
 Sobre a campa do heroe deixar gravado  
 Sábio letreiro, á idade encomendado; u!  
 De o consultar eu venho  
 Nas Atticas fadigas:  
 Caminhante, aqui jaz, mas não prouigas,  
 Quem o mundo a si todo vio sujeito,  
 Para occupar do mundo hum campo estreito.

*Claudio Manoel da Costa:*

Q U A D R A .

Heide amar-te até á morte ,  
 Quer tu me queiras , quer não ;  
 Serei no amor desgraçado ,  
 Mas com discreta eleição .

G L O S A .

**N**ão fujo , podes rasgar  
 Este peito desgraçado ,  
 Que o teu gesto retratado  
 Has de , cruel , nella achar ,  
 Posto te veja roubar  
 A Parca a tezoira forte ,  
 E dar-me na vida corte  
 Inda ouvirás , que te digo ,  
 Ingrata , não me desdigo ,  
 Heide amar-te até á morte .

**H.**

Vou á Amor assevelar  
 O sagrado juramento ,  
 De até ao final alepto  
 Firmemente te adorar ,  
 De joelhos ante o altar  
 C'o a devida submissão .  
 Resoluto ponho a mão ,  
 Juro nas sétas tremendas  
 De te amar , quer tu me offendas ,  
 Quer tu me queiras , quer não .

III.

Amor c'ò as mãos apressadas  
 Ergue dos olhos a venda,  
 E pasma dá jura horrenda,  
 Que assusta as aras sagradas;  
 Eis as correntes pezadas  
 Que te esperão: diz irado,  
 Eu as aceito humilhado,  
 Não, ó Deos, não esmoreço  
 C'os ferros, posto conheço  
 Serei no amor desgraçado.

IV.

A liberdade ultrajada  
 Lança-me a revez a vista,  
 Risca-me da honrada lista,  
 E chama-me escravo irada:  
 Não crimines indignada  
 Esta nobre sujeição,  
 Arrasto o ferreo grilhão,  
 Mas por quem! Por Nize bella,  
 Ah! Sim te deixo por ella;  
 Mas com discreta eleição.



QUADRA.

Melibeu tem dó de ti,  
 Que o teu mal vai a peor,  
 De huma vez desata os laços,  
 Ah! Não mais, não mais Amor.

G L O S A.

**J**A' de padecer cançado,  
 Consultei o desengano,  
 Doce asylo a hum triste humano;  
 Mas sempre tarde buscado,  
 De roxo lirio coroado  
 Sobre hum lizo jaspe vi,  
 Quanto amei, quanto soffri  
 Lhe expuz, triste me escutei:  
 „ He já tempo, me tornou  
 „ Melibeu tem dó de ti.

II.

Se esperas no amor piedade  
 Tarde acharás compaixão,  
 É em tanto ao som do grilhão  
 Voa a fugitiva idade,  
 Dar-te-hei paz, e liberdade,  
 Pens que nunca deo Amor,  
 Tarda, ou não vem seu favor,  
 E em ti proprio podes vér,  
 Com teu longo padecer,  
 Que o teu mal vai a peor.

## III.

Vês de grilhões destroçados,  
 Essas paredes vestidas,  
 A tantos salvei as vidas  
 De cativo arrancados:  
 Troca em canto os ais magoados,  
 Desprende os cingidos braços,  
 Faze as prisões em pedaços,  
 Facha, e venda ao Lethes lança,  
 De huma vez perde a esperança,  
 D'huma vez desata os laços.

## IV.

Disse, e subito fugio  
 A meus olhos Nume, e Templo,  
 Divino conselho, e exemplo  
 O dubio passo impedio;  
 Bradava Amor, que ouviu  
 Jurando dar-me favor,  
 Já te não creio traidor,  
 Assaz soffri longos annos,  
 Basta de penas, e enganos,  
 Ah! Não mais, não mais amot.

Q U A D R A .

Entre funebres cyprestes  
Lugar de dôr, e afflicção,  
De amantes tristes cercado  
Morro sem consolação.

G L O S A .

I.

**J**unto ás margens do Cocito  
Verdenegro bosque encerra  
Aos que não cobrio a terra,  
Ou por naufragio, ou delicto:  
Surdo Acheronte ao seu grito,  
Passa aquelles, deixa a estes,  
Que envoltos nas frias vestes  
Piedosa campa esperando,  
Andão tristes revoando  
Entre funebres cyprestes.

II.

Os que morrem delirantes  
Por Amor vagão aqui,  
Que á Pithia em Delfos, o ouvi  
Predizerno, e a mil amantes,  
Mudada a voz, e os semblantes,  
Predisse: os destinos são,  
Que os que acabou a paixão  
Inda mortos, nenhum veja  
Outro lugar que não seja  
Lugar de dôr, e afflicção.

III.

Já creio ouvir resoar  
 Do Cerberó o infando grito,  
 E ao rouco som do Cocito  
 Nocturnas aves piar;  
 Ouço as serpes sibillar,  
 Que as furias tem no toucado;  
 Vejo Acheronte enrugado  
 A estreita prancha estendendo,  
 E a dura escolha fazendo,  
 De amantes tristes cercado

IV.

Chegou o fatal instante,  
 Já o leve pó fugitivo  
 Para no relógio esquivo,  
 Que a morte me pôe diante  
 Acabarei delirante  
 Na minha infausta paixão,  
 Mal pago da ingratitude  
 Na vida, e vendo que a morte  
 Me não dará melhor sorte,  
 Morro sem consolação.

S O N E T O.

**Q**uiz dar o Ceo á Lusitana gente  
 Heroe guerreiro, que seu nome honrasse,  
 E deo-lhe hum Nuno, que de Lisboa ornasse  
 De eterno loiro a magestosa frente.

Do Sol quiz dar-lhe o barco florecente,  
 E trouxe o Gama á luz, que assoberbasse,  
 Nunca calcado mar, e descerrasse  
 A' culta Europa as portas do Oriente.

Quiz dar-lhe idade d'ouro em paz brilhante:  
 Reina Manoel; do Indo não ligeira  
 Lhe traz ao Têjo hum throno de diamante.

Quiz dar-lhe em fim por gloria derradeira,  
 Quem san doutrina em alta rima cante,  
 E deo-lhe o grande, e immortal Ferreira.

A' S A R T E S

P O E M A ,

*Que a Sociedade Litteraria do Rio de  
Janeiro recitou no dia dos an-  
nos de Sila*

MAGESTADE FIDELISSIMA.

**J**A' fugirão os dias horrorosos  
De escuros nevoeiros, dias tristes,  
Em que as Artes gemêrão despresadas  
Da nobre Lisia no fecundo seio.  
Hõje cheias de gloria ressuscitão  
Até nestes confins do Novo Mundo.  
Graças á Mão Augusta, que as anima!  
Vejo grave Matrona meditando (1)  
Com os olhos no Ceo: a mão exacta  
Dos Planetas descreve o movimento:  
Por justas Leis calcula, pèza, e méde

---

(1) Mathematica.

Forças, massas, e espaços, infinitos.  
 Dóus Genios Voadores lhe apresentam  
 Movel eburneo Globo, em que ella grava  
 Os limites do Imperio Lusitano:  
 Ella dirige sobre os vastos mares  
 Nadantes edificios; que transportão  
 Os thesouros, e as Armas de que treme  
 O ultimo Occaso, o primeiro Oriente.

A par desta outra Deosa move os passos (2)  
 Da firme experiencia sustentada:  
 Ella conhece as causas, e os effeitos;  
 Ella exerce, ella augmenta, e diminue  
 Da Natureza as forças: a Luz pura  
 A través do Cristal separa os raios,  
 E mostra aquellas primitivas côres,  
 Que formão a belleza do Universo,  
 Por suas Leis os differentes Corpos  
 Se ajuntão, e se movem: o Tridente,  
 Que levanta, e que abate as negras ondas,  
 Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,  
 Se troveja, e fulmina, reconhece,  
 Que ella o move, ella o rege, ella o desarma. (3)  
 Funesta gloria, que custou a vida  
 Ao novo Prometheo, que impio roubára (4)

(2) Fisica experimental.

(3) As experiencias da materia Electrica  
 sobre o Raio.

(4) O desgraçado Professor de Petresbourg

A sutil chama do Sagrado Olimpo !  
 Por ella o Nauta illustre , e valoroso , (5)  
 Vendo abaixo dos pés as tempestades ,  
 Vai sobre as nuvens visitar a Esféra.

E tu quem és , oh Ninfa , tu que ajuntas ,  
 Indagas , e descobres os thesouros ,  
 Que fecunda produz a Natureza ? (6)  
 Recebe as tuas Leis todo o vivente  
 O nobre racional , o vil insecto ,  
 O mudo Peixe , as Aves emplumadas ,  
 As indomitas Feras , e escamosas  
 Mortíferas serpentes , e os Amphibios ,  
 Que respirão diversos Elementos.  
 Dos Vegetaes na immensa variedade  
 Tu conheces os sexos , e distingues  
 Quaes servem ao Commercio , e quaes restaurão  
 A perdida saude : tu nos mostras  
 A prata , o ouro , as pedras preciosas ,  
 Com que opulenta a inclita Lisboa  
 Vaidosa sobre o Têjo se levanta :  
 A tua mão benefica , rasgando  
 Occultas veias d'asperos rochedos ,  
 Arranca o ferro , que revolve os campos ,

---

Richman , que morreu experimentando o  
 Conductor da materia Electrica.

(5) O primeiro Aeronauta Monsieur Pila-  
 tre de Rosier.

(6) Historia Natural.



Por quem o lavrador recolhe alegre  
 Do seu nobre suor os doces fructos.  
 E tu, que com poder quasi divino (7)  
 Imitas portentosa, rica, e bella  
 As producções da sábia Natureza,  
 Vem, ensina aos Mortaes, como a Matera  
 De mil diversos modos combinada,  
 Forma infinitos mil corpos diversos;  
 Huns, que respirão, outros que vegetão,  
 Outros, que nem vegetão, nem respirão.  
 Por tua mão laboriosa vejo  
 Em pedra transformar-se a molle argilla  
 Em Cristal as aréas: tu desatas  
 A união dos metaes, e ainda esperas  
 Formar o Ouro brilhante, que ennobrece  
 Da inculta Pátria minha os altos montes.  
 E se eu tremo de horror, vendo-te armada  
 Humã mão de mortiferos venenos;  
 Agradecido, e respeitoso beijo  
 Outra mão, que benigna me prepara  
 As riquezas, e as forças, que reprimem  
 A pallida doença, rodeada  
 Dos espectros da Morte... Ah vem, ó bella  
 Irmã da Natureza enfraquecida, (8)  
 Que provida conservas, que renovas  
 Da humana vida a preciosa fonte.

---

(7) Chimica.

(8) Medicina.

De que serve o valor , e os cheios cofres  
 De Midas , ou de Cresso , se desmaião  
 Em langidez os membros , quando a febre ,  
 E os correios da Morte acelerados  
 Do afflicto coração ás portas batem.  
 Erão cheia d'amor da humanidade ,  
 ( Misera humanidade ! ) pouco a pouco  
 Tu a consolas , e ergues d'entre as sombras ,  
 E frio horror da negra sepultura.  
 Estende , estende , ó Deosa , a mão benigna  
 A' fraca humanidade : e tu , que podes  
 Unir os rotos lacerados membros ; (9)  
 E com saudavel , e polido ferro  
 Afugentas a Morte , e que conheces  
 Todos os laços da structura humana ,  
 Entorna o doce balsámo da vida  
 Sobre os tristes Mortaes. Já reconheço  
 Outra formosa Ninfa , que descreve (10)  
 Toda a extensão da Terra , o Mar , os rios ,  
 As famosas Cidades , e as montanhas  
 De polidas Nações brandos costumes ,  
 E de barbaros Póvos féra usança.  
 Sincéra índága , e cuidadosa exprime.  
 Com ella vem , bellissima Donzella , (11)  
 Que com grave eloquencia narra os factos ,

---

(9) Cirurgia.

(10) Geografia.

(11) Historia.

Que o Mundo vio desde a Primeira idade:  
 Ella nos mostra em quadros differentes  
 Os tempos, as Nações, e a varia sorte  
 De Impérios elevados, e abatidos,  
 As alianças, a implacavel Guerra,  
 O progresso das Artes, e a ruina.

Mas que illustre Matrona entre as mais vejo  
 De verdes louros coroada a frente? (12)  
 Tem nas mãos pléctro eburneo, e lira d'ouro,  
 Que celebra os Heroes, e que eterniza  
 No templo da Memoria, o Nome, e a Fama  
 Dos inclitos Mórtaes: já das Deosas  
 A companhia escuta: já repousão  
 As nuvens sobre o cume das montanhas:  
 O rouco Mar, os ruidosos Ventos,  
 A fonte, o rio, os ecos adormecem:  
 Reina o silencio: em tanto solta aos ares  
 Calliope divina a voz sonora.

Os Tyrannos da Pátria, assoladores  
 Do Povo desgraçado, são flagellos,  
 Que envia ao Mundo a colera Celeste:  
 São dos Mortaes o horror, a infamia, o odio,  
 Mais cruéis, do que a peste, a fome, e a guerra.  
 O seu dia Natal he dia infausto,  
 Dia de imprecação, época triste  
 De susto, e de geral calamidade;  
 Mas o Monarca generoso, e pio,

Amor, delicias, esperança, e gloria  
 Na Nação venturosa, que prôtege,  
 He Dom raro, e magnífico, que nasce  
 Da Eterna Mão, que volve os Ceos, e a Terra.  
 O dia, o feliz dia, que primeiro  
 O deo ao Mundo; he dia assignalado,  
 He dia de prazer: o Povo unido  
 Levanta as mãos ao Ceo: os puros votos  
 Com as lagrimas de gosto misturados,  
 São a publica voz, e o testemunho  
 De gratidão, de amor, e de ternura.  
 Tal he, Rainha Augusta, a vossa Imagem,  
 Tal foi o inclito Rei, que teve a sorte  
 De deixar á saudosa Lusitania  
 A digna Filha, generosa Herdeira  
 Do grande coração, do vasto Imperio.  
 Se elle invicto abateu com braço herculeo  
 A horrivel Hydra, os detestaveis Monstros;  
 Deixou tambem aos vossos firmes passos  
 Da bella gloria abertos os caminhos.  
 O Coro illustre das Reaes Virtudes  
 Vos segue em toda a parte; e a Esperança  
 Da Nação venturosa junto ao Throno  
 Erguendo os olhos, e alongando os braços,  
 De vós confia, e só de vós espera  
 Os bellos dons da paz, e da abundancia.  
 Vejo por terra a estúpida, e maligna  
 Cohorte da ignorancia: e se ainda restão  
 Vestigios da feroz Barbaridade,

O Tempo os vai tragando : assim as folhas  
 Murchas , e áridas cahem pouco a pouco  
 Dos proprios ramos nas regiões d'Europa ,  
 Quando pesado , o triste e frio Inverno  
 Sobre o carro de gelo açouta as Ursas ,  
 E fere as nuvens com aguda lança.  
 Chegão por Vós aos mais remotos Climas  
 Premiadas as Artes : eu as vejo ,  
 Eu as ouço , que juntas neste dia  
 Entre os transportes de prazer então  
 Ao vosso azzavel nome eternos hymnos.  
 Elles voão , levando ao Ceo sereno  
 Nas brancas azas os mais ternos votos  
 De respeito , e de amor , que vos consagra  
 Rude , mas grato Povo Americano.

Já destes votos nasce , e se derrama ,  
 Como a neve dos Alpes , a torrente  
 Da vossa Gloria , que de dia em dia  
 Igual ao vosso Nome se levanta ;  
 E os ultimos vindouros admirados  
 Inda a verão crescer no amor dos Povos ;

E tu , que triste , e pensativo observas  
 Este de Gloria eterno monumento ,  
 O' fero tragador dos bronzes duros ,  
 Arroja o curvo ensanguentado ferro ,  
 E confundido , e temeroso adora  
 Aos pés do Regio Throno Lusitano  
 Da Rainha immortal o Nome Augusta.

*Manoel Ignacio da Silva Alvarenga,*

A SUA ALTEZA REAL

PRINCIPE REGENT  
 NOSSO SENHOR.

O D E.

... *Micat inter omnes*

... *Velut inter ignes*

*Luna minores.*

HOR. Liv. I. Ode. XII.

Resplandece immortal nas acções bellas  
 Qual resplandece a Lua entre as estrellas.

I.

**E**U se no lodo impuro  
 Deixo o vulgo atolado, e aos astros vôo,  
 Novo, canoro Cisne,  
 A ti, divino Horacio,  
 Devo o furor, a ardente chama devo,  
 Com que atrevido, desdobrando assombro  
 D'assumpto não vulgar carrego os hombro

II.

Tu do Parnazo ás grutas  
 Infante me subiste ; e ao Deos do Estro  
 Por alumno me déste ;  
 Tu me apontaste o throno ,  
 Inda da luz celeste esclarecido ,  
 Onde das Musas respirando o bafô ,  
 Deixaste apoz de ti Pindarô , e Sapho.

III.

Por ti cantei mavioso  
 De Venus , de seu Filho , o Cesto , a Venda ;  
 E as meigas nuas Graças  
 De abrazador deleite :  
 Tu as canções , os hymnos me ditasto ,  
 Com que dos Lusos o immortal Monarcha  
 Salvei triumphante do Poder da Parca.

IV.

Oh ! Como acezo brilha  
 Dos astros entre o lucido cortejo ,  
 Seu nome scintilante !  
 Como os clarins a Fama  
 Todos emboca , e sobranceira ás nuvens  
 Com seu digno louvor o mundo atrôa  
 Desde o último Occaso á Plaga Eôa.

V.

Não porque a dextra armada  
 Dos igneos raios do vermelho Marte,  
 De abrasados impérios  
 C'o fumo o Ceó toldasse;  
 Rios de sangue atravessando em furia,  
 E ao som dos prantos compassando o estrage  
 Que assolou Roma, que prostrou Carthage

VI.

Já justiceiro Jove  
 Punio a ardencia do insofrido Carlos  
 Nos campos de Belona;  
 Nos campos, onde outróra  
 De cem bravos canhões acompanhado,  
 Cada palavra, que ás legiões soltava,  
 Era a tuba da morte, que soava.

VII.

Como he futil a gloria,  
 Que a virtude, e a rasão não tem por bases  
 Das illusões despido,  
 O sábio em mais estima  
 O fígido Catão, o austero Castro,  
 Que Eugenio vencedor em mil combates:  
 Socrates mais que o domador do Eufrates



VIII.

Assim caminho abriste ,  
 Claro Pompilio , ao Templo da Memoria ,  
 Sem das ferozes aguias  
 Ensanguentar o vôo ;  
 Na ventura , na paz dos teus vassallos  
 Assim PRINCIPA excelsa pôes teu fito  
 Seguindo a Numa , devançando a Tito.

IX.

Não pende a vera gloria  
 De carros triumphaes , de Reis cativos ;  
 Tulio , que foi de Roma  
 O salvador , o amparo ,  
 Nunca as aras saudou do Capitolio  
 Tinto de sangue o rosto enfurecido ,  
 De algemadas nações atraz seguida.

X.

Mas na suprema Curia  
 Os direitos da pátria sustentando ;  
 Mas os fataes projectos  
 Do impio Catilina  
 Cortando em flor ; e d'alto t'êlo armado ;  
 C'o a valente expressão impondo freio  
 Da sedição ao monstro horrendo , e feio.

XI.

Assim pomposo dique  
 Affronta as iras da torrente insana ,  
 Que em ondas se desliza  
 Pela quebrada arêa ;  
 Assim Franklim devaçador da Esféra ,  
 De Vulcano , dos Brontes com injúria  
 Corta as azas ao raio , a Jove a furia.

XII.

O' Lusitano Augusto ,  
 Tu ; que de taes Varões a senda pizas  
 Por onde ao Templo forão  
 Da lustrosa Memoria ,  
 Qual te espera no Elysio , afortunado  
 Prémio digno da candida piedade  
 Com que renovas de Saturno a idade !

XIII.

Verás a ti correndo  
 De teus Avós a turba magestosa ,  
 E com solemne voto  
 Ceder-te a clara palma  
 Da sciencia de reinar ; darás inveja  
 A quantos Reis , o Nilo , singulares ,  
 Ergueo ob'iscos , levantou altares.

XIV.

Ah! Dai-vos pressa, ó Lusos,  
De tão grande Monarcha a encher as vistas;  
Do ocio nos momentos  
Desmascarai o vicio,  
Promovei da virtude, o esforço, o heroismo;  
E zombareis do horror do fado adverso  
Dando gloria á Nação, gloria ao Universo.

A INAUGURAÇÃO  
DA ESTATUA EQUESTRE

DO SENHOR REI

D. J'OSE' I.

O D E.

I.

**Q**ue heide offertar de Jôve ás sábias filhas  
Que as artes educarão,  
E as memorias daquellas maravilhas,  
Que os tragadores seculos gastarão;  
Illesas conservarão.  
Transmudadas em lucidas estrellas,  
Onde o tempo não vòa a escurecêllas.

II.

Tu, Citara Febea, que enterneces  
 O torvo Marte irado,  
 Que o ministro dos raios adormeces  
 Sobre o sceptro de Jove repousado,  
 E o tridente azulado  
 Fazes depôr no solio Neptunino,  
 Excita para o voto o immortal hymno.

III.

Se pello herno em tropel acelerado  
 Os bosques vão descendo,  
 Se o strimon para o curso arrebatado,  
 Se os antigos carvalhos vem correndo  
 A Orfeo obedecendo,  
 Para o teu Vate, ó Deho, não te rogo  
 Tantos dons, sopra hum raio do teu fogo.

IV.

Rainha das virtudes entra ousada  
 Das Pierides divinas  
 Na concha d'altas redeas; solta, amada  
 Limpa verdade as vozes cristalinas,  
 E ao som das cabalinas  
 Murmuradoras aguas vai dizendo  
 Do antigo Cháos o negrume horrendo.

V.

Envolta Creta em densa escuridade  
 Só os Deoses distinguão;  
 Justo, e injusto, virtude, e iniquidade  
 Legislou Minos, sábias leis se ouvirão;  
 Com Cidades se erguião;  
 O' dos antigos Lusos sombras tristes  
 Levantai-vos, he Elisia a que vós vistes?

VI.

Quando o sceptro da Augusta Pótestade  
 Jove primeiro toma,  
 Dá-lho a justiça, adorna-lho a ptedade:  
 Belona o dava à seu capricho em Roma;  
 He grande o Rei, que dôma  
 Não gentes livres com cruél fereza;  
 Mas dos rebeldes vícios a torpeza,

VII.

Prudentissima Astrea as tuas bellas,  
 Tuas filhas formosas  
 Tecião para os Lusos mil capellas;  
 Soltava Eunemia as vozes sonoras,  
 E as irmãs carinhosas  
 Justiça, Paz, ternissima Equidade  
 ramavão feliz tranquillidade.

VIII.

Que infando caso no Etna inflamado,  
 'Tiphéo soberbo treme,  
 As cem cabeças move, e o peito anciado,  
 Ao revolver-se o monstro, o monte geme,  
 A madre terra, treme,  
 E Atropos mostra á destroncada gente  
 Os reinos de Proserpina indolente.

IX.

Mas, que formosa, que louçã donzella  
 De fronte torreada,  
 Que o neto de Titan não vio mais bella,  
 C'ò a veste d'ouro, e perlas recamada  
 Se levanta coroadá:  
 Ah! Onde estou, que vejo, que me inspira!  
 Far-te-ha Febo immortal na minha lira.

X.

Mnemosine, de Jupiter esposa,  
 Que espalhas claridade,  
 No ópaco Lethes rasga luminosa,  
 Os róxos véos do irmão da eternidade  
 Da grata lealdade,  
 Que o colosso erigio, que o tempo affronta  
 As mil causas beneficás reconta.

XI.

Já Evias cinge a fronte avermelhada  
Com a parra frondente,  
Vibra o Tirso, entamado annella, e brada,  
Vai Pan tangendo a flauta docemente;  
E a Naiade contente,  
Que o vaso da abundancia recebêra  
Fructos entorna, e longa Primavera.

XII.

Tu grão Neptuno bates o tridente,  
Brotas ginetes féros,  
Desligas Marte, que c'ó a irman potente  
Cinge d'armada gente os fins Iberos,  
E os vãos estranhos ferros  
Despreza a Lusa industria o collo alçando,  
E o vil ocio das rosas arrancando.

XIII.

Lá se vê Frymigesto recolhendo  
Das sciencias as boninas,  
Para adornar os cedros vem descendo  
De Nereo as espaduas crystalinas,  
Nas luzidas campinas  
De novo exulta o esquecido Gama,  
Renascer vendo o seu trabalho, e Fama.



## XIV.

Quanto na terra ha bom , do Ceo dimana ,  
 Gerou de Jove a mente  
 A divina Minerva , a gente humana ,  
 N'uma grande na paz , Tito clemente ,  
 : Aurelio sapiente ,  
 Que os Numes dêrão , e outra vez tomárão ,  
 Aos Lusos n'hum só Principe tornárão .

## XV.

Do sábio Prometheu prole prevista  
 Teme o orbe apagado ;  
 Themis a arte lhe dá com que resista  
 Ao solto abysmo de Neptuno irado ,  
 Para que o tempo ousado  
 Não cúbra o heroe c'o veio do esquecimento ,  
 Lhe ergue Ulyssea equestre monumento .

## XVI.

Não tema Elysia vendo a Memphis triste ,  
 Sem nome , e destoucada ,  
 Que a idade a quem o bronze não resiste ,  
 Do ensifero Orion , do Austro armada  
 Contraste denodada ,  
 O padrão consagrado á Magestade ,  
 Pois Clío o escuda , e offerece a eternidade .

XVII.

Alvos hymnos de loiro coroados  
Em torno lhe revoão,  
Quaes lá pelo Hibleo monte congregados  
Roces enxames todo o ar povoão,  
Das cem bocas resoão,  
Da que a terra gerou vozes tamanhas,  
Que eterno o fazem nas Nações estranhas.

A O ILL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup>

SEBASTIÃO JOSE' DE CARVALHO

MARQUEZ DE POMBAL & C.

O D E.

I.

**N**ÃO de bronzes , ou marmores antigos  
Estatuas levantadas ,  
Soberbos monumentos  
Quero erigir por conservar teu nome ,  
Que o tempo acções heroicas não consome.

II.

Elogiõs fundados na lisonja  
Menos fazer intenta  
A Musa dissonante ;  
Vozes , que inspira o justo sentimento ,  
Irão ferir até o firmamento.

III.

Quantos, grande Marquez, quantos saudoses  
 Já dos teus beneficios,  
 Já das tuas virtudes  
 Querem talvez por sua propria gloria  
 Levar-te ao Templo da immortal memoria.

IV.

Menos altivo o meu discurso vòz,  
 Meu activo desejo  
 Dirá, se tanto póde,  
 Aprendendo dos mais a suavidade,  
 Quanto lhe inspira a candida verdade.

V.

Qualidades no berço adquiridas,  
 Ou de Avós herdadas;  
 Bem que em ti as conheço,  
 Não são que sobre a Fama hoje te levão  
 Espiritos vulgares que as escrevão.

VI.

Buscar o fundamento á propria gloria  
No sangue dos passados,  
Embora o faça aquelle,  
A quem da Providencia a mão avára  
Os mais talentos todos lhe negára.

VII.

Mas tu, que tanto o Ceo enobreceo  
Desses talentos raros,  
Que fiel cultivaste;  
Injuriar-te fôra se louvára  
Só a nobreza, que o teu sangue herdára.

VIII.

Teu grande coração, tua alma grande  
Assento da verdade  
Formão teu elogio:  
Oh! Quem podéra com vozes mais q̃ humanas  
Descrever-lhe as virtudes soberanas.

IX.

Sacrificaste os dias venturosos  
Em serviço da Pátria,  
E já entre os estranhos  
Eregiste com todo o fundamento  
Firmes padrões ao teu merecimento.

X.

Inda as tuas memorias se conservão  
Lá nas margens do Tanay,  
E a gloria da Nação,  
Que a cançados trabalhos te obrigava,  
Com ficar bem servida te pagava.

XI.

Assim desempenhando altos empregos  
A que te destinárão,  
Em toda a parte foste;  
Até que o teu talento respeitado  
O mesmo Rei quiz ter junto ao seu lado

XII.

Da tua alma se vão desenvolvendo  
Talentos ignorados,  
E a mesma Providencia,  
Que se empenha em fazer-te venturoso,  
Te vai proporcionandq ao fim ditoso.

XIII.

Cercado dos horrores dos estragos,  
Os mesmos elementos  
Se vão confundidos ;  
Voava a morte de hum a outro lado,  
Consome a chama o que ella tem deixado.

XIV.

Mas tu, constante em meio das ruinas ;  
Nas sábias providencias  
Com que o damno reparas,  
A huns os dias vás accrescentando,  
De outros os frios restos sepultando.

XV.

Dos innocentes, que seus pais perdêrão,  
 Das viúvas afflictas  
 O triste pranto cêssa;  
 Depois que tu, com sábia providencia,  
 Amparas de huns, e outros a innocencia.

XVI.

Já de novo as cabeças levantando:  
 Vão os Templos soberbos,  
 Das ruinas a imagem  
 Apenas fica ainda na memoria,  
 Para fazer maior a tua gloria.

XVII.

No ocio mollemente adormecidos  
 Os ramos do Commercio  
 Tu despertar fizeste,  
 Adquirindo em todos os estados  
 Ao Rei vassallos ricos, e honrados.



XVIII.

Quando na paz os membros descansavão  
 Nada menos pensavas,  
 Para os guerreiros factos  
 A milicia dispuñas sábiamente,  
 Dando maior poder á Lusa gente.

XIX.

As sciencias de todo abandonadas  
 Brotar da sua origem,  
 Teu exemplo fazia;  
 Hião de novo ao mundo apparecendo,  
 Como em todas as ordens se está vendo.

XX.

Fiel ás leis, que á pátria te ligarão  
 Ao Rei, como vassallo,  
 Bom pai, e bom amigo;  
 Unindo o Ceo em ti, quanto dar póde,  
 Quando sobte os mortaes seus dons sacóde.

**XXI.**

Viste ceder ao seu fatal destino  
Teu grande protector ;  
Então tua constancia  
De todo o coração te abandonára ,  
Se para maior mal te não guardára.

**XXII.**

Sahio do eixo a roda , e transtornadas  
Forão tuas idéas ;  
A fortuna inconstante ,  
Que ás vezes zomba do merecimento ,  
Te fez grande tambem no soffrimento.

**XXIII.**

Dos vs aduladores , numerosos  
Cortejos não te seguem ;  
Só da tua familia  
Foste em silencio triste acompanhado  
No desterro funesto , mas honrado.

XXIV.

Lá de constancia cheio, abandonando  
A' vil inveja a preza,  
Apenas na memoria  
Os já passados annos revolvias,  
E com ar de desprezo tudo vias.

XXV.

Grande na gloria, grande nos pesares,  
Ao termo promettido  
Chegaste sem fraqueza,  
Que as almas elevadas se conhecem  
No meio dos acasos que acontecem.

XXVI.

Pagaste á terra o natural tributo;  
O véo da humanidade  
De todo desfazendo,  
Vais upir teu espirito elevado  
A' causa donde tinha dimanado.

XXVII-

As idades correndo , e renovando ,  
 Outro igual não verão ,  
 Em que talentos tantos ,  
 Que nos mais fazem gloria , repartidos  
 Fossem n'hum só composto reunidos.

XXVIII

As Musas , as Sciencias , o Commercio  
 Benigno protegias ,  
 Da justiça a balança  
 Fizeste conservar com igualdade ,  
 Promovendo a geral felicidade.

XXIX.

Tua perda fatal será sentida  
 Em todas as idades ,  
 Teus mesmos inimigos ,  
 Teu nome em tuas obras respeitando ,  
 Não tuas memorias conservando.

XXX.

Curvai, cyprestes as erguidas fronte,  
Cubri o monumento  
Humilde, e desornado,  
Que está guardando os restos preciosos  
Do que será famoso entre os famosos.

AO ILL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup>

D. RODRIGO DE SOUSA  
COUTINHO.

O D E

*Tu civitatem quis deceat status  
Curas.*

HOR. Liv. III. Ode XXIX.

STROPHE I.

**E**U nunca consenti, que a minha lira  
Fosse lira de Cortes,  
A verdade, a só unica verdade  
Soube inspirar-me o canto:  
Verdade foi meu Nume; e até verdade  
Cantei em meus amores.

A N T I S T R O P H E I.

Dize-o, ó Morte, dizei-o vós, ó lindas  
 Affortunadas almas,  
 Que gozaes das virtudes lá no Elyseo,  
 Quando vos cantei bellas  
 Bellas vos pregoou brado universo  
 De veridigo alcance.

E P O D O I.

Vós me affinaste a lira,  
 Por vós surgi Poeta;  
 E os myrthos, que ainda a fronte me coroão;  
 Vossas mãos os tecerão.

S T R O P H E II.

Longe, longe de mim torpe lisonja,  
 Que te regeite a lyra,  
 Se nunca te invoquei para os amores;  
 Mais desabrido ainda  
 Serei contigo para o digno prémio  
 Do Varão, que ama a Pátria.

ANTISTROPHE II.

Se nobre he acaso, acaso he tor engenho,  
 Ser virtuoso he tudo,  
 E empregar as virtudes, os talentos  
 Em ser proficuo a Pátria,  
 E levar a virtude a gráo supremo  
 Além da commum gloria.

E P O D O II.

Assim mo: gravou firme  
 Com letras indeleveis,  
 A divina Minerva, quando os passos  
 Guicci ao Templo d'Honra.

S T R O P H E III.

No amor da cara Pátria toda a somma  
 Das virtudes se abrange;  
 Nuno Alvres, que tomou sobre seus hombros  
 A defensão do Reino,  
 Amou a Pátria, o Rei, e poz o curme  
 A's virtudes, n'ham claustro.



ANTISTROPHE III.

Com Deos na boca , e Deos no intimo peito  
 Empunhou sempre a espada ,  
 Que descorou as hostes inimigas ,  
 Com Deos sempre ante a vista  
 Dava sãos pareceres gloriosos  
 No Conselho ao Rei Luso.

E P O D O III.

Sempre c'o a Pátria em braços.  
 Buscava d'ouros os perigos ;  
 Olhava o Ceo , do Ceo lhe viaha a mente,  
 O acerto nos discursos. .

S T R O P H E IV.

Servir a Pátria ! Oh Fama duradoira !  
 Mais firme que as estattas !  
 As pedras , bronzes são manjar do Tempo ,  
 Dos corações dos homens ,  
 Quando mana a memoria saudosa ,  
 Perseme não se estanca.

ANTISTROPHE IV.

Assim corre inda agora o ignoto Nilo ,  
 E correrá perenne ,  
 Quando já consumidas , e enterradas  
 As Piramides forem ;  
 Lerá Homero os ultimos vindoiros ,  
 E o Pátrio amor do Ulysses .

E P O D O IV.

Quando as pedras já gastas  
 Do Sigeo monumento ,  
 Nem mostrar. possão onde o féro Achilles  
 Jazeu em sono eterno .

S T R O P H E V.

Eu , que bebi as aguas de Hypocrene ,  
 Em largo vaso d'oiro ,  
 Que sempre com as Musas me acompanho ,  
 Deixo callada a lira ,  
 Quando hum Varão , que tanto illustra a Pátria  
 Reclama os meus accentos !

Vem e vê...  
De quem...  
Quem...

ESTR... 1

Quem...  
E c'o...  
Luz...

STR... 2

Elysiu lastimava, escurecia...  
Seus filhos ma entregues  
**Aos** punhas hereticas, e o...  
Grangeados com...  
**Ganho** injusto de sevos roubadetes  
Na maléfica noite,

ANTISTROPHE VI.

Hoje a luz dos réverbros, que espalhão  
 Novo dia nas tréyas,  
 Contente a Elysia vê seus moradores  
 Trilhar segura via,  
 No amparo de atalayas sempre á lerta,  
 Que amor da Pátria armára.

E P O D E VI.

E os Cidadãos se encontrão,  
 Sem que hum d'outro se tema,  
 Que no traje, e na falla não se esconda,  
 Quem lhe derrame o sangue.

S T R O P H E VII.

Não perde de seu preço, nem se avilta  
 Do bem público o anhelô,  
 Que a miuda vista desce a empregos  
 De não ufanos nomes,  
 Colbert, Sullí não desdenhárão féros  
 Lidas uteis á Pátria.

ANTISTROPHE VII.

A Pátria he grata, os Cidadãos bem louvãõ  
 Quem fadigas lhe apouca,  
 O amigo, que o molesto enfadamento  
 Quer ir depôr no seio  
 Do brando Amigõ, não pergunta errado,  
 Nem rua, nem pensada.

E R O D O VII.

Com caridosas letras  
 A benefica dextra  
 Do Ministro sagaz lho aponta, e encurta  
 Rodeios enojosos.

S T R O P H E VIII.

Opprobrio das Nações por mal polida,  
 E infectada de abusos;  
 Se hoje essa altiva fronte ergues ufana,  
 Na Europa entre as Cidades  
 Mais luzidas, á minha Clio pede,  
 Que cante a quem o deves.

ANTISTROPHE VIII.

A Musa apregoará com almo agrado ,  
 Que de adular contraria  
 Sempre a voz , sempre a cithara tem prompta  
 A celebrar sonora ;  
 Quem lugar se procura com virtudes  
 Na lembrança da Pátria.

E P O D O VIII

Seu brado aqui ressoa.  
 Nestas longiquas terras ,  
 Costumadas a ver heroes mui dignos ,  
 Aos quaes tal nome ajunta.

S T R O P H E IX.

Aqui se ouve com grato acolhimento  
 O nome de Rodrigo ,  
 Aqui dão por feliz o Reino Luso ,  
 Que tal varão possui ;  
 E á sombra desse nome os Portuguezes  
 Cobrão mais alta estima.

ANTISTROPHE IX.

Eu triste, e desvalido só desejo  
 Ter mór favor das Musas,  
 Para cantar tão alto o nobre Sousa,  
 Que me ouça o Nilo, e o Ganges,  
 E lá no seio azul baiba o Oceano,  
 Que ainda ha Portuguezes.

E P O D O IX.

Que Menezes, e Nunos,  
 E mil passados Sotisas  
 Vivem nesta vergonteza esclarecida  
 De tão fecundo tronco.

*Francisco Manoel do Nascimento.*

A

## DUARTE PACHECO.

### O D E.

**A** Quelle, que guiado da virtude  
Ao templo da suprema eternidade,  
Sobe ornado da rijida constancia  
- Da indornita carnagem.

Com placido semblante abre caminho  
Por entre rudes sarças espinhosas,  
Por escarpados rijidos rochedos  
Da ingreme montanha.

Não lhe fazem torcer o firme intento  
Agudes uivos de roazes lobos,  
Nem dos torvos leões roucos rugidos,  
Nem serpes sibilantes.

Nem ver ao ar ardendo em viva brasa  
Estridentes coriscos arrojarse,  
Nem ver a terra até o inferno aberta  
Chamejando horrorosa.



Em vão com doce canto, e meigas vozes  
 Mil sereas rissonhas lhe offerecem  
 Honras, thesoiros, mundos, e privanças,  
 Deleites infinitos.

Em vão lhe mostram com sagaz porfia  
 Frescos jardins, palacios magestosos,  
 Com opiperas mzas, rodeados  
 De flores impudicas.

Pois que sem arredar da via hum passo,  
 Qual se de rijo bronze o peito houvera,  
 Tapa os ouvidos, cerra a tudo os olhos,  
 Inteiro, e inexoravel.

Sô acha n'alma a voz da sábia guia,  
 Com que a gloria dos máos lhe representa,  
 Como a luz do relampago nocturno,  
 Rápida, e temerosa.

Qual o alvo esplendor da sã virtude,  
 Inda apesar das sombras da pobreza,  
 Bem como o sol sereno, e radioso  
 Vivifica, esclarece.

Saia embora do averno á luz do dia,  
 De viboras coroada a torpe inveja,  
 De calumnias, traições, fraudes, alevés  
 Armado o peito impune.

Com a boca pestifera bafeje  
 Da sua vida a candida innocencia,  
 Sim póde embaciar por algum tempo;  
 Porém não denegri-la.

Por meio destes risços, e contrastes,

Sempre igual na tormenta , e na bonança ,  
Lá chega em fim ao cume da montanha ,  
Lá goza paz eterna.

Desta tempera o inclitô Pacheco-  
O nobre coração tinha forjado ,  
Quando entrou pela foz do flavo Têjo ,  
C'o as mãos afferrôlhadas.

Aquellas mãos , que exercitos rompentes ,  
Fôtes armadas , tudo desbaratão ,  
E de Cochim indomitas sustentão  
O vacilante Imperio.

Aquellas mãos , de quem ainda treme  
A altiva Calcut , desprezadoras  
D'ouro , domínios , mandos , e grandezas ,  
Por ser fiéis á Pátria.

C'o mesmo rosto placido caminha  
Entre duros litores conduzido ,  
Qual mostrára nos tempos venturosos  
Do ingrato Rei ao lado.

Ah ! Que em vão a verdade dissipando  
As sombras da cruel malidicencia  
Lhe espelha os giihões , e mostra ao mundo ,  
Qual fôra sempre intacto.

Pois a pezada mão da desventura  
De tal sorte opprimio o interior prestante ,  
Que no seio da misera pobreza ●  
Acaba o grão Duarte.

Elizia dura , entranhas de rochedo ,  
Como assim desamparas hum tal filho ?

Por quem sobre as idades mais illustres  
Alças a fronte altiva ?

Jaz Pacheco , mas seu augusto nome  
A despeito da morte sanguinosa ,  
E da furia cruel do voraz tempo  
Será famoso , e eterno.

Sempre te chorará o Téjo , e o Ganges ,  
Honrado heróe , em quanto no Universo  
O lucido rebanho das estrellas  
Apascentar Apollo.

## O D' E.

**O**S toscos versos, que me pedes, Castro,  
 Castro de illustre sangue, e d'alto aviso;  
 O' honra desta idade, ah! to mando  
 Se assim o queres

Não ousava, Senhor, mostrar-te, tinha  
 Ora receio, de que em teus ouvidos  
 Com tom desentoado mal soassem  
 Meus rudes cantos.

Ora temia com razão pejar-te  
 O tempo, que tu gastas conversando  
 Os Deoses do Mondego, que vierão  
 Pedir-te amparo.

Não queira o Ceo, q' assim te eu roube hũa hora  
 A' alta empreza de que estás entregue;  
 Dá-te todo, Senhor, aos tristes rogos,  
 Que elles te fazem.

De barbaros Alanos feroz bando  
 Segunda vez lá do Aquilão gelado  
 Desceo sobre o Mondego, e os ferteis campos  
 Talou com ferro.

Ao Padre Rio, que corria ledo,  
 A rica urna de crystal lhe quebrão,  
 E á sabia filha ante seus olhos pizão  
 O colar d'ouro.

Tu , misera Princeza , d'aureo sceptro ,  
 Que o grão Diniz te déra , despojada ,  
 Rotas as regias vestes , triste atrastas  
 Os duros ferros.

Tuas Ninfas c'os olhos laçrimosos  
 Pelas margens do rio andão carpindo  
 Os cruéis dias , que te lá trouxerão  
 Tamanho estrago.

Apressai-vos , Senhor , vinde enxugar-lhes  
 Com mão piedosa as lagrimas que chorão ,  
 Serenar-lhe os temores , que as traspassão  
 De crua magoa.

Quaes forão já d'alto valor armados  
 Os heroes de teu sangue em dura guerra ,  
 Nos reinos da gemente Aurora  
 O Luso mando.

Tal tu agora vai ao campo , aonde  
 Tantas Ninfas te chamão , tantos Deoses ;  
 Vai quebrar os grilhões , que tem captiva  
 A mãe das Musas.

Seus inimigos lhe abate , ergue o teu throno ,  
 E nos hombros armados de diamante  
 Sustem-lhe longo tempo , em paz doirada  
 O seu imperio.

Quantas cousas os fados já promettem  
 De ti , ó Castro , nesta honrosa empreza ,  
 Cousas , que vencem quanto illustre feito  
 Os teus fizerão.

Oh ! Se eu então pudesse transmudado

No branco Cisne da soberba Thebas  
As azas despregar, e erguer-te nellas  
Até os astros!

Não rudes versos, como os que ora mando,  
Mas sublimes canções, que espantariam  
As Musas Gregas, as Latinas Musas,  
De ti cantára.

Porém em vão quizeras alçar meu canto  
Para voar por todo o mundo ethereo;  
Dos aligeros vates não precisa  
Teu grande nome.

S E X T I N A S.

I.

**R**Asga os Ceos o irado Jove  
 C'o trisulco horrendo lume,  
 E dos montes sobre o cume  
 Relampeja, trêta, e chove;  
 No furor da dura guerra  
 Treme o ar, os Ceos, e a terra.

II.

Rompe as nuvens raio ardente;  
 Que em si traz envolta a morte,  
 Descarrega horrendo corte  
 Dos Gigantes sobre a frente,  
 E sepulta os arrogantes  
 Sob montes fumegantes.

III.

Despedaça o tronco ánnoso,  
 Que zombou do tempo avaro;  
 Quebra os marmores de Paro,  
 Faz tremer o peço undoso,  
 E ameaça eterno estrago  
 A Plutão no Estigeo lago.

IV.

Mas o raio, de quem treme  
 Todo o assento crystalino,  
 Só de hum simplice menino  
 O poder, e o braço teme,  
 Ninguem d'elle se defende,  
 Tudo a Amor, Marcia, se rende.

V.

Não ártentes orgulhosa  
 Subjugar seu vasto imperio,  
 Se elle reina no Emisferio  
 Chuma luz tão poderosa,  
 Dá teus pulsos á cadéa,  
 E offender a Amor recéa.



## QUADRAS.

### I.

**O** Nde quer que a vista errante  
Volto, ó Marcia, quanto existe  
Eis me mostra negro, e triste  
Da fria morte o semblante.

### II.

Se me alegra o claro dia,  
Que nos Ceos já vem rompendo,  
Já na sombra o vai volvendo  
Pesada noite, e sombria.

### III.

Fresca rosa, que orvalhada  
Serve ao prado de ornamento,  
Pouco dura, e n'hum momento  
Se vê murcha, e desfolhada.

IV.

Verdes folhas, que vestirão  
O copado freixo annoso,  
Com o sopro venenoso  
Do surdo vento cahirão.

V.

Se o Ceo limpo se mostrou,  
Se brilha azul o Horizonte,  
Logo a riva, e leda fronte  
Pesada nùvem toldou.

VI.

Por tyranna lei da sorte  
Quanto aqui vive, e respira  
Sente a força, e sente a ira  
Da cruenta mão da morte.

VII.

E imaginas, Marcia ingrata,  
Que essa fragil formosura,  
Que a meus eis se mostra dura,  
Deve ser da morte intacta?

## CANÇONETA.

### I.

**O** Manto azulado  
A noite estendia,  
Nas praias dormia  
Perguiçoso o mar.

### II.

Brilhava das ondas  
Sobre a face bella  
A luz amarella  
Do frôxo luar.

### III.

No pico das rochas,  
O mar sobranceiras,  
Nas agoireiras  
Se ouvião piar.

IV.

Tambem se escutavão  
Nos curvos saveiros  
Os lassos barqueiros  
Em paz ressonar.

V.

Amintas sómente,  
Que Tirce adorava  
Amor não deixava  
Jámais repousar.

VI.

Teimosas saudades  
Callado soffria,  
Mas já não podia  
Mais tempo callar.

VII.

Queixas descuidadas  
D'alma lhe fugirão,  
As ondas rugirão  
De ouvir seu pezar.

VIII.

- „ De mim não te escondas,
- „ Tirce desdenhosa,
- „ Vem meiga, e piedosa
- „ Meu pranto enchugar.

IX.

- „ Tu prendes mil almas
- „ Nas soltas madeixas,
- „ Se soltas as deixas
- „ Ao vento ondear.

X.

- „ Imita a brancura
- „ Do teu largo collo,
- „ Quando d'agua o rollo
- „ Se vê espumar.

XI.

- „ Eu tenho a côr bassa,
- „ As faces rugosas,
- „ As mãos já calosas
- „ De tanto remar.

XII.

- ” Prêta barba hirsuta ,
- ” Cabello empeçado ;
- ” E o rosto crestado
- ” Do vapor do mar.

XIII.

- ” De vestes grosseiras
- ” Meu corpo se cobre ;
- ” Mas tenho alma nobre ,
- ” Constante em te amar.

XIV.

- ” De mim não te escondas ,
- ” Tirce desdenhosa ;
- ” Vem meiga , e piedosa
- ” Meu pranto enxugar.

XV.

- ” Se os ares agita
- ” Dos ventos a guerra ;
- ” E indomito berra
- ” Nas costas o mar.

XVI.

- „ O barco encalhado  
 „ Na praia arenosa ,  
 „ Em gruta musgosa  
 „ Me vou abrigar.

XVII.

- „ Daqui tu bem podes  
 „ Escutar sem medo  
 „ No opposto rochedo  
 „ As ondas roncar.

XVIII.

- „ Nas tardes iremos  
 „ Ao pégo salgado  
 „ Com ferro farpado  
 „ O peixe sangrar.

XIX.

- „ Verás pelas aguas  
 „ A vista espalhando,  
 „ As trutas pulando  
 „ Ao lunie do mar.

**XX.**

- „ Pois sei que dos queentes
- „ Mariscos mais gostas,
- „ As ruivas lagostas
- „ Havemos pescar.

**XXI.**

- „ Do Têjo enrugado
- „ No limoso fundo
- „ Corál rubicundo
- „ Te irei apanhar.

**XXII.**

- „ Os negros cabellos
- „ Das ondas molhados
- „ Nos hombros tostados
- „ Ver-me-has gotejar.

**XXIII.**

- „ De mim não te escondas
- „ Tírce desdenhosa,
- „ Vem meiga, e piedosa
- „ Meu pranto enxugar.



**XXIV.**

- ” Mas donde me levão
- ” Amor, e o desejo?
- ” Debalde velejo
- ” Neste incerto mar.

**XXV.**

- ” De ter minha sorte
- ” Propicia mudança,
- ” Tardia esperança :
- ” Só vejo raiar.

**XXVI.**

- ” Quando dorme, o dia
- ” De Thetis no leito,
- ” Não dorme em meu peito
- ” O negro pezar.

**XXVII.**

- ” Sonhos revoltosos
- ” Despertão meus zêlos,
- ” Vem mil pesadêlos
- ” Minha alma abafar.

XXVIII.

- ” Se a lua rodonda
- ” No mar não se espelha,
- ” E a aurora vermelha
- ” Eu vejo assómar.

XXIX.

- ” Enquanto os mais sopráo
- ” Os buzies torcidos,
- ” Meus roucos gemidos
- ” Se espalhão no ar.

XXX.

- ” Se ás vezes intento
- ” Na séta calmosa
- ” A rede nodosa
- ” Ao sol enxugar,

XXXI.

- ” Do peito arrancando
- ” Profundos segredos
- ” Aos mudos penedos
- ” Os vou revelar.

**XXXII.**

„ O zefiro brando ,  
„ Que os ares bafeja ,  
„ Brandamente adeja  
„ Só por me escutar.

**XXXIII.**

„ Podem os enganos  
„ De Amor desvairado  
„ Hum triste acizado  
„ Em louco tornar.

**XXXIV.**

„ Parecem-me as praias  
„ Lodosas e feias ,  
„ Negras as aréas ,  
„ Que o sol vem doirar

**XXXV.**

„ Cuido se navego ,  
„ Que vejo as prôcellas  
„ Romperem-me as vélas  
„ Os mares cavar.

**XXXVI.**

- „ Escuto assustado
- „ No Ceo denegrido
- „ O rouco estampido
- „ Dos raios, troar,

**XXXVII.**

- „ A' fróxa perguiça
- „ O corpo se avéza,
- „ Em outro a tristeza
- „ Me veio tornar.

**XXXVIII.**

- „ O nome hei perdido
- „ De bom marinheiro
- „ O barco ronceiro
- „ Não posso varar.

**XXXIX.**

- „ De mim se tem rido
- „ Palémo sincero,
- „ Quando ás vezes quero
- „ O leme guiar.

**XL.**

- „ O rumo perdendo  
„ Só busco saudozo  
„ O porto ditozo,  
„ Que foste habitar.

**XLI.**

- „ De mim não te escondas  
„ Tirce desdenhosa,  
„ Vem meiga, e piedosa  
„ Meu pranto enxugar.

**LXII.**

Assim de seu peito,  
Que afflicto arquejava  
Amintas tentava  
O fogo abrandar.

**XLIII.**

Eis que alegre vinha  
Fresca madrugada  
Da noite enlutada  
O véo dissipar.

**XLIV.**

As molles estrellas  
Como envergonhadas,  
Se vão desmaiadas  
Do dia, occultar.

**XLV.**

Ao longe se avista  
Por entre os reflexos  
Os verdes cabeços  
As serras alçar.

**XLVI.**

Inda o terno amante  
Mais dizer queria,  
E apenas podia  
Triste soluçar.

**XLVII.**

As forças robustas  
Amor lhe quebranta,  
Sentio na garganta  
A voz resfriar.

XLVIII.

Forão cuidadasas  
As Nereides bellas  
Nas humidas télas  
As queixas bordar.

XLIX.

Os ares ferirão  
Suspiros magoados,  
E os écos quebrados  
Se ouvirão soar;

L.

De mim não te escondas  
Tirce desdenhosa,  
Vem meiga, e piedosa  
Meu pranto enxugar.

## CANÇONETA.

### I.

**O**H! Quanto és bella  
Vermelha rosa  
Tu me retratas  
Marcia formosa.

### II.

Lindo botão  
Pende ao teu lado  
Pelos amores  
Aqui plantado.

### III.

Elle de Marcia  
Me pinta a côr;  
É o seu amavel  
Terno pudôr.

### IV.

Apenas brilha  
A roxa Aurora,  
Logo te busca  
Junto com Flora.



V.

Ellas te animão  
Tão brandamente,  
Como de Marcia  
Eu beijo a frente.

VI.

O tempo escasso  
Te vai murchar ;  
Tristes idéas  
Eu fui lembrar.

VII.

A minha Marcia  
Tambem da morte  
Ha-de sentir  
O duro córte.

VIII.

Fazei-a , ó Ceos ,  
Ou menos bella ,  
Ou nunca a morte .  
Possa vencélla.

## CANÇONETA.

### I.

**N**ão temas Marcia,  
Entra sem susto  
Do Deus d'amor  
No Templo augusto.

### II.

Não te intemides  
Porque o vendado  
Se pinta sempre  
De aljava ao lado.

### III.

Amor não tem  
Alma tão dura,  
Que não respeite  
A formosura.

IV.

Quando tivesse  
Peito de féra ,  
Teu lindo rosto  
Brando o fizera.

V.

Entra , verás  
Ligeiro bando  
De mil amores  
Ledo voando.

VI.

Mimozas flores  
Andão colhendo  
Querem grinaldas  
Ir-te tecendo.

VII.

Venus deseja  
Filha chamar-te ,  
Paphos , e Gnido  
Quer adorarte.

VIII.

O vil ciúme,  
Negro furor,  
Para assaltar-te  
Não tem valor.

IX.

Tambem rendidos  
Te adorarão,  
Sua Rainha  
Te chamarão.

X.

Suaves beijos,  
Ternos abraços  
De Marcia bella  
Serão os laços.

## CANÇONETA.

### I.

**D**Eitado na relva  
Que hum cedro cobria,  
Zombando da calma  
Cupido dormia.

### II.

Marilia, que a sombra  
Tambem procurava,  
Em brando repouso  
Amor divisava.

### III.

Achando que dorme  
Bem diz a ventura,  
E as sétas hervadas  
Roubar-lhe procura.

### IV.

Algumas tijado  
Já tinha d'aljava,  
Té que huma mais fina  
Na mão lhe picava.

V.

Depressa o veneno  
Nas veias lhe gira,  
E já sem remedio  
De amores suspira.

VI.

Ao lindo menino,  
Que então acordava,  
Marilia formosa  
Do mal se queixava.

VII.

Vem dar-me hum remedio,  
Amavel Cupido,  
Que apague este fogo  
Nô peito incendiado.

VIII.

O Deos lhe responde :  
» A Venus procura,  
» Que as chagas que eu faço  
» Sômente ella cura.

## CANÇONETA.

### I.

**V**arias ervas venenosas  
O travesso Amor colhia,  
E de todas com cautela  
Hum grande molho fazia.

### II.

Ventus, que occulta espreitava  
De repente lhe fallou,  
E o fim da nova empreza  
Cuidadoza perguntou.

### III.

Amor lhe responde: „ Ha muito  
17 Que intento vencer Elcido,  
17 Sem que ainda hum tal triunfo  
17 Fosse por mim conseguido.

IV.

- „ De quantas sétas melhores
- „ Vulcano meu pai tem feito ,
- „ Inda não abriu só huma
- „ Pequeno golpe em seu peito.

V.

- „ Quero ver se envenenando
- „ Algumas farpadas pontas
- „ Abato huma alma soberba ,
- „ E vingó tantas affrontas.

VI.

- Então a mãe com affagos  
Lhe diz : „ Não temas Cupido ,  
„ Em breve tempo verás  
„ Rasgado o peito de Elcido.

VII.

- „ Vai nas lagrimas de Marcia
- „ Molhar algum passador ,
- „ Que os prantos de liuma bella
- „ São o veneno melhor.



## C A N Ç Ã O.

**A** Mòres que velais em tórno ao leito ;  
Em que ora está dormindo a minhã Alcida,  
Vêde como respira tão formosa

Em doce, e brando sono ;  
De quando em quando dos purpúreos beiços  
Se desprende hum suspiro enternecido,  
Que terá ella, que suspira tanto,

Porque suspira Alcida ?  
Talvez lhe occupe agora seus sentidos  
O seu amado Alcino ; talvez sonba,  
Que o tem junto a seu peito, que o tem prezo

Em seis mimosos braços,  
Não a acordeis, amores, brandamente  
Voai em rodor della, nao desperte,  
Deixai-a assim dormir, gozar seus sonhos ;  
Seus sonhos tão formosos.

Porém se acaso a vaga fantasia  
Lutando com sua alma em negro sonho  
Mostrando-lhe outro objecto, de que Alcino  
Perturba seus desejos ;

Livrai-a, meus amores, de tal sonho,  
Fazei ruido, acorde, acorde Alcida,  
E trema inda innocente ter sonhado  
Aduteros amores.

*'A huma velha que presumia de bons olhos*

**EPIGRAMMA.**

**Q**ue os teus olhos cada hũ foi hũa estrella  
Cousa he Clori sabida,  
Mas que hoje em vez de brilho tem remela  
Tambem ninguem duvida.

*Francisco Manoel do Nascimento.*

## EPIGRAMMA XIX.

DO L. I. DE MARCIAL.

**T**Inhas, Elia, se bem me lembro agora  
 Por todos quatro dentes, escarraste  
 D'huma vez c'o tossir dois dentes fóra,  
 D'outro tossir os outros dois lançaste,  
 'A'osse sem susto, que ainda que arrebetes,  
 Já não has de escarrar mais outros dentes.

*O mesmo.*

I D Y L L I O.

**V**oai, ternos suspiros,  
 Voai nas azas dos ligeiros ventos  
 Ide contar a Marcia que tormentos  
 Soffre minha alma aqui nestes retiros.  
     Suspiros lacrimosos,  
 Enchei-lhe de piedade os seus ouvidos,  
 Arrancai-lhe do peito mil gemidos,  
 Dizei-lhe, que cercado de agonia  
 Vivo aqui nesta selva escura, e fria.  
 Acompanhai meus ais, olhos saudosos,  
 Vertei copiosas lagrimas, vertei  
 Estes amenos prados delectuosos  
     Agora humedecei.  
     O' flores delicadas  
 De meu saudoso pranto hoje banhadas,  
     Se para vos colher  
 Alguma madrugada aqui vier,  
 Essa forniosa Ninfa, que me adora,  
 Dizei-lhe, que o orvalho crystallino  
     Não he da roxa Aurora  
     He dos olhos de Ulino,

Dizei-lhe, claras fontes,  
 Que as aguas destes montes  
 Vossa clara corrente não turbou;  
 Mas, que forão as lagrimas, que a dôr  
 Dos olhos arrancou  
 Ao seu fiel Pastor.

Amantes rouxinoes, que enterneceis  
 Com vossas queixas meu afflicto peito,  
 Dizei-me, tristes aves, se fazeis  
 No coração de Marcia o mesmo effeito,  
 De Marcia, por quem vivo, a quem adoro,  
 Por quem são estas lagrimas, que choro.  
 Mas onde me detenho?

Não foi nestes lugares que gozei  
 Já nos braços de Marcia mil agrados?  
 Não foi entre estes alamos copados,  
 Que a delicada face lhe beijei?  
 Não forão estes campos venturozos  
 Que alegre já pizei com Marcia amada?  
 Não foi aquella fonte prateada,  
 Que via os nössos prantos amorozos?  
 Ah! Funestas imagens, quantos ais  
 Como lagrimas do peito me tirais!

Guiai-me, meus cordeiros,  
 Vamos buscando agora outrós outeiros  
 Onde a vida alimente  
 De lagrimas, de dôres, de suspiros.  
 Fugamos desta horrivel solidão,  
 Que tanto me atribula o coração.

Mas ah! Que louco sou!  
Eu triste aonde vou?  
Sem razão, sem sentido, em angia tal!  
Se a qualquer parte em fim aonde fôr  
Háde o tyranno Amor  
Levar com sigo a causa do meu mal.

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO

D E

MARIA SANTÍSSIMA

SENHORA NOSSA

O D E.

**A**H! Longe, longe deste fértil monte  
A's Musas consagrado, indocil vulgo,  
    Vulgo profano,  
A cujo rude espirito não move  
O sagrado furor, que nos transporta,  
    E vós, almas sublimes,  
A que inspira o sincero aior das Musas,  
Atenção, que hoje intento em novo estilo  
    Tocar a agreste fruta;  
Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco  
O meu humilde engenho. Em outra especie  
    Mudar-me vejo.  
Ah! Já não sou aquelle rude Elpino  
Pastor da bella Arcadia! Estes os campos  
    Não são do claro Alfeio.  
Onde está Melibeu? Onde a cabana

Do guardador Albano ? Onde Sireño ?  
 Montano , e os mais Pastores ?

Hum occulto poder da humilde terra ,  
 Suavemente me eleva a minha frauta  
 Em som mais alto ,

Qual harmoniosa trompa rompo o vento ,  
 Até o ar que respira he mais sereno

Do que entre as densas nuvens.  
 Em vôo , eu vôo , e em circulos velozes  
 Aguia do Sol ás luzes me remonto ,

Mas que vejo , oh Ceos ! Que horrída serpente  
 Naquelle inferior globo se sustenta ;

Ai que de mórtes  
 Entre os seus habitantes semeando ,  
 Está o horrível monstro ; huas entre as garras

Furioso despedaça ,  
 Outros devóra , e ainda palpitando  
 No immundo ventre encerra , outros estala

No vinculo que tõe  
 Com a volúvel cauda , e aos mais distantes  
 Com o ar , que infeciona respirando

Miseramente mata.  
 Em todo , em todo o globo se derrama  
 O seu mortal veneno ; em toda a parte

Arde o contágio ,  
 Que lastima ! Não ha quem lhe resista ,  
 Tristes mortaes não ha quem vos soccorra ,  
 Quem de vós se entérneça ?



As que brilhante luz, qual a da Aurora  
 ia fresca madrugada lá do Oriente

Pouco a pouco apparece.

Oh Ceos! ó nunca vista maravilha!  
 Uma pura mulher toda vestida

Do Sol brilhante,  
 e lucidas estrellas coroada,  
 isando a branca lua, he quem espalha

A luz pura, e formosa;  
 á com seus raios o ar se purifica,  
 É como com o sol a densa nevoa,  
 Se desfaz o contagio.

Oh! Que formosos passos, que vem dando!  
 Toda de graça cheia! A' sua vista

O Dragão féro  
 Da escamosa cabeça as grossas conchas  
 torrendamente emissa, os olhos tinge

Dê negro immundo sangue,  
 Das entranhas respira hum vivo fogo,  
 Que abrasando o contorno o deixa cheio  
 De alitos venenosos.

Ah! Que contra a bellissima donzella,  
 Temo de horror! furioso se arremessa  
 Para tragá-la:

Já sobre o meio corpo se levanta,  
 C'o a cauda o ar açoita, e assobiando  
 Vibra a farpada lingua:

Já, já para enredá-la em largos giros

Humas vezes estende, outras enrosca  
O corpulento vulto.

Mas em vão, mas em vão serpe enganosa  
Aspiras á victoria, em vão te canças,

Que a mulher forte,  
Qual o guerreiro exercito ordenado  
Terrível te resiste. Ah já lhe cedez ?

Já lhe deixas o campo ?  
Já foges ? Já te segue, já te alcança,  
E na torpe cabeça victoriosa

Te impriene a sacra planta.  
Valorosa mulher, tu só pudeste (res ...  
Triunfar do horrendo monstro ; os teus louvo-

Mas que sonoras  
Vozes no ar se dilatão ! Que vistoso  
Admiravel objecto absorto vejo ;

De espiritos celestes,  
De esmeraldas coroados, e diamantes ;  
Hum brilhante esquadrão em torno a cerca  
Batendo as azas de ouro.

Huns sobre ella derramão ás mãos cheias  
Humã nuvem de flores : outros cantão  
Acordemente

Ao grato som de varios instrumentos  
O seu triumpho. Oh bemdita entre as mulheres  
Exaltada na Terra,

Qual no Libano o cedro junto d'agoa,  
Ou platano frondoso, ou qual nos campos

A formosa oliveira.

Entre as filhas de Adão, qual entre espinhos  
O puro e branco lilio resplandeces

Toda sem mancha:

Tu dos Córos Angelicos és honra:

Tu do Empirio alegria, e da triunfante

Jerusalem és gloria:

Vem ó flor de Jessé nova Rainha,

Esposa do Senhor serás coroada

De palma, e de assucenas.

Mas que he isto! Eu estou na nova Arcadia!  
Este he o Mundo! E estes os Pastores!

Quem de repente

Entre vós me poz? Como neste dia

Inda em silencio estais? Toca Mirtilo

Toca a sonora lira,

Tu Coridon tambem, que as tuas vozes

Farão parar de Alleio as frescas agoas,

E a musica das aves.

*Antonio Diniz da Cruz e Silva.*

## DITHIRAMBO

**B**Acho imberbe , Bacho ardente ,  
 Porta-somno , prazer , e alegria ,  
 De nocturnos festejos o guia ,  
 Que refrescas , aqueces a gente  
     Fria e quente ;  
 Desse cume peregrino ,  
 Que ao teu nome he consagrado  
 Soltá hum rio arrebatado ,  
     Espumoso ,  
     E cheiroso ,  
 De purpureo , ou branco vinho ,  
     Onde beba os teus furores ,  
     E qual o trovão ,  
     Que os montes abala ,  
     Quando a nuvem prenhe  
     Rasgando-se estala ,  
 Cante a Arcadia , e seus pastores  
 Deste dia altos louvores .  
 De Agamppe assaz na fonte  
 Já molhada tenho a boca ;  
     Agoa pura  
     Não provoca  
     A cantar ,

A bailar ,  
 E a saltar  
 Como a lucida tintura  
 Dessa planta , que enroscada  
     Trazes na mitrada  
     Cornigera fronte.  
 Eia , eia , que o monte  
 De vento se enche , se innunda , e se alaga.  
     Licor almo , e generoso ,  
 Rubim puro , ambar desfeito ,  
     Com que gloria , com que gozo  
 Em ti banho a boca , e peito.  
     Athes , Hyes ,  
     Hyes , Athes ,  
     Viva , viva o dia  
     De tanta alegria.  
     Oh ! Se eu pudéra ,  
     Em boca , e lingua  
     Todo tornar-me ,  
     Se por fartar-me  
     Deste elixir  
     Então Dioneo  
     Na tenaz terra ,  
     Ou no Idomeu  
     Cedro oloroso  
     Teu gordo vulto .  
     Lavrára , erguéra ,  
 E por mais realçar os teus adornos  
     Na soberba ara

Os brancos cónos  
 Em puro ofir  
 Eu te curvára.  
 Doce elixir,  
 Que as almas purgas  
 De espectros tristes,  
 Que triste gera  
 A pallida, e voraz Melancolia,  
 Vem neste dia  
 Dobrar da Arcadia  
 A pura alegria.  
 O' suave dia, dia venturoso,  
 Em que o teu mimoso  
 Coridon nasceo.  
 O' grão Bassareu,  
 Athes, Hyes,  
 Hyes, Athes,  
 Viva, viva o dia  
 De tanta alegria,  
 Dia, que os saltantes,  
 E capri-barbuços,  
 Cornipedes, Satyros,  
 C'o as ebri-festantes  
 Lascivas Bassáridas  
 De prazer saltando,  
 Pelas montanhas alegres cantarão,  
 E de quando em quando  
 Gritando,  
 Bramando,

Assim repetição :  
 Saboé Arcadia ,  
 Arcadia Evohé ,  
 Já o teu Coridon nascido he ,  
 E que bella se derrama  
 De alegria ardente chama  
 Do Erimantho nas florestas ,  
 Pelas bocas das cavernas ,  
 Em echos festivos sonoros respondem  
 Os montes soberbos de Arcadia famosa  
 Aos golpes , que os ferem ,  
 De lyras suaves ,  
 De tympanos graves ,  
 De sistros agudos ,  
 De Crótolos duros ;  
 Ah ! Sim cáros Pastores ,  
 Brilhe , brilhe a alegria  
 Coroemo-nos de flores  
 Cantemos suavemente o grande dia ,  
 Que a Arcadia nos traz tanta alegria ,  
 Dia que trouxe  
 Rosado ao mundo  
 O bom Coridon ,  
 Coridon , que jocando  
 As antigas ,  
 Esquecidas  
 Mascaras carcomidas ,  
 Animoso tomando ,  
 E entre o hirsuto capri-saltante Coro

*O Genio do Museu.*

S O N H O.

**C** Ançado de lutar o pensamento  
 Com mil varios objectos, que humas vezes  
 Medonhos no semblante me aterravão,  
 Outras todos alegres, e vestidos  
 Das bellas côres, que pomposos trajão,  
 Lisongeiras vaidosas esperanças  
 Mil fabulosos bens me promettião.  
 A hum suavissimo sono pouco e pouco  
 Os sentidos entrego, e breve espaço  
 Os lossos membros repousado tinhão,  
 Quando movêndo a leve fantasia  
 Mil confusas imagens, me apresenta  
 Hum galhardo mancebo, que librado  
 Sobre pintadas plumas rompe o vento,  
 Na cabeça trajava por turbante  
 De ricas pedras marchetado buzio,  
 No qual apavonada borboleta  
 A miudo batendo as subtis azas,  
 Em vez de airão servia de remate:  
 Huma gorgeira de esmaltadas pennas  
 O collo lhe cercava, e nella em partes



De prata, de oiro, e cobre cem medalhas  
 De famosos Heroes pendentes tinha,  
 N'huma das mãos trazia hum grande molho  
 De varias hervas, de diversas flores,  
 N'outra hum fruteiro de metaes diversos  
 'Todo lavrado; pois ao mesmo tempo  
 Entre o cobre, o latão, o chumbo, o estanho  
 Brilhar se vião nelle a prata, e o oiro,  
 Em seu seio mostrava em longa cópia  
 Feixes, plantas, coraes, plantas, e ossos  
 Em duras pedras todos convertidos;  
 Antigos Camafeos de oiro cercados  
 Os dedos lhe cobrião, e a cintura  
 De grossa pelle de manchada cobra  
 Lhe apertava em mil voltas larga facha;  
 Em vez de aureo cothurno, finas pelles  
 De estranhos animaes calçava airoso,  
 Que variadas flores guarnecião  
 De ricas perlas, preciosos fios.  
 Admirado da grande formosura,  
 Que no rosto lhe brilha mais que tudo,  
 Do fausto estranho, que em seu traje via,  
 Atonito fiquei por largo espaço,  
 Quando soltando a voz, assim me falla  
 O mancebo gentil. „ Se pelo rosto,  
 „ Pelo gesto, figura, pompa, e traje  
 „ O rustico mortal me não conheces,  
 „ Ouve, sabe quem sou; eu sou o Genio,  
 „ Que sobre o teu Muzeo attento véla,

„ Que invisível o cerca , que o protege ,  
 „ Que cuida em augmentá-lo , e enriquecê-lo ,  
 „ Para este fim rompendo a opaca nuvem ,  
 „ Que a teus olhos me esconde , a advertiu-te  
 „ de taes deseuídos , vigilante venho .  
 „ Como esperas Elpino , que elle cresça  
 „ Das ricas producções da Natureza ,  
 „ Ou nas que déstra mão de antigo mestre  
 „ Subtilmente lavrou , que esconde o tempo  
 „ Da munda terra no profundo seio ,  
 „ E que a mão favoravel do destino  
 „ Mil vezes aos mortaes descobre , e mostra ,  
 „ Se ingrato aos beneficios as esqueces ?  
 „ Ricas medalhas , exquisitas conchas  
 „ Mão liberal te envia , e tu não curas ,  
 „ Nem ao menos se quer-de agradecê-las ? „  
 Aqui chegava , quando hum grão ruído  
 De meus olhos espanta o leve somno ,  
 Mas que impressa me fica na lembrança  
 Do gracioso sonho toda a historia ,  
 Doutissimo Sachete ! Tu , que o tempo  
 Em continuas vigalias sobre os livros  
 Utilmente gastando , tanta fama  
 Ao teu nome tens dado ao alto estudo ,  
 Que eternisa de Cós a antiga gloria ,  
 Que aos mimozos mortaes , da fraca vida ,  
 Ou estendes o fio afugentando  
 De seus membros a pállida doença ,  
 Ou de seus males a tyranna força

Suavemente modéras, tu bem sabes  
 Que dos sonhos o alvergue caprichoso  
 Duas tem entre si diversas portas,  
 Diversas na materia, e serventia,  
 Que de branco marfim huma he talhada,  
 Outra da curva ponta, que guarnece  
 Ao roubador da Europa a fronte altiva,  
 Que pela cornea sahem os verdadeiros,  
 Se pela eburnea vem os fabulosos;  
 Este que acabo agora de pintar-te,  
 Pela cornea os Ceos creio me mandarão  
 Para pagar-te, para agradecer-te,  
 Inda que tarde os dons com que me honraste,  
 Mas com que póde hum misero Poeta  
 Beneficios pagar senão com versos;  
 Versos pois te remetto, e tu, que as plantas  
 Longe da estrada do ignorante vulgo  
 Estampas felizmente; recebê-los  
 Com rosto alegre debes, pois conheces  
 Dos versos todo o preço, e que só elles  
 Das voragens do Lethes salvar podem  
 Nos seculos futuros nossos nomes.

*O mesmo.*

## O D E

## A FILINTO.

**F**ilinto, ah meu Filinto, jaz enfermo  
 O teu querido Alfeno, atassalhado  
 De dois cruéis galfarros famulentos,  
     Que querem devorá-lo,  
 Hum delles frio mais, que o géllo alpino,  
 Aos lassos bófes tão tenaz se afferra,  
 Que em vão, pelo expellir, lidão, e suão  
     Em convulsos arrancos:  
 Em quanto o outro, como fragoa ardente,  
 Com rapidez girando pelas veias,  
 Me faz passar os dias dormitando,  
     Em continuas modorras.  
 Mas de noite, roubando somno aos olhos,  
 Na phantasia ao vivo me debuxa  
 Centauros, Geryões, Hydras, Quiméras,  
     E monstros mil iiformes,  
 No meio destes males lastimosos,  
 Em trajos de viuva encapellada,  
 Tirando a rojo os lugubres vestidos,  
     Entra a Melancolia.  
 Os vagarosos passos se encaminha

Para o leito , a miudo bocejando ;  
E , cravados em mim os tórvos olhos ,  
Se assenta á cabeceira.

Alli tres vezes , com as mãos de chumbo ,  
Me aperta o coração ; depois tres vezes  
O macilento rosto me bafeja

C'ó a verde-negra bocca  
A' medida que em mim lava o veneno ,  
Em frias bagas de suor me banho ;  
Espessas trévas subito me embrusção.

A fraca , errante vista.  
Fóge-me a Alegria , as doces Musas  
Me fogem de tropel , espavoridas  
Da horrenda catadura desta bruxa ,  
Que entre dentes praguejão.  
Corre , corre , Filinto , ao teu Alfeno :  
Vem livrá-lo do monstro sanguinoso ,  
Que as entranhas lhe chupa sibundo ,  
Qual tenaz sanguisuga.

Não de rigidas malhas revestido ,  
Ou de cotta de laminas seguras ,  
Com luzente murrião , escudo , grévas ;  
Brandindo a grossa lança.

Não se espanta de vêr tanta ferragem ,  
Quem he do alvergue do furor Porteira ,  
Quem entra a tenda do Tyranno intruso ,  
Por entré armadas filas.

Mas armado de saes , facécias , chistes ,  
Na cabeça por elmo hum Alfarache ,

Hum Gil Blaz por pavez, ou grão Tscanho  
Por lança hum Dorn Quixote.  
Nem te esqueça trazer (por mör cautéla)  
De Ferrabras o balsamo bendito  
Aquelle, que na *Venda* ao póbre Sancho,  
Fez vomitar as tripas.  
Apenas te avistar, véla-has bramindo,  
Discorrer rabeando pela sala;  
Té, que estourando com fragor horrendo,  
Se solte em negro fumo.  
Quando estes rudes versos te escrevia  
Longe de mim vagava a voraz furia...  
Ei-la que chega, oh Ceos! Sumamos tudo,  
Antes que deste o luzio.

**ALFENO CYNTHIO.**

Q U A D R A.

Abre este peito constante  
Verás o nosso retrato,  
He todo meu por amante,  
He toda teu por ingrato.

G L O S A.

I.  
**I**Nda que és por genio impia.  
Filis suspende o rigor,  
Pois ás vezes faz amor  
Abrandar a tyrannia;  
Lembra-me que eu algum dia  
Te achei menos inconstante,  
E se duvidas que amante  
Sou com firme gratidão,  
Para ver meu coração  
Abre este peito constante.

II.  
Abre o peito, e sem demora  
Acharás, bella homicida,  
Huma cópia tua unida  
Ao coração que te adora;  
Abre o peito, e tira fóra  
Esse objecto amante, e grato,  
E se do rigor no trato  
Vires hum cheio de abrolhos,  
He meu, não teu, põe-lhe os olhos  
Verás o nosso retrato,

## III.

Não duvides que eu absorto,  
 Fino leal, e excessivo  
 Pintei teu retrato ao vivo  
 Junto ao meu de amores morto;  
 Este, que vês sem conforto,  
 Com magoado semblante  
 Todo temo, e vacilante,  
 A mim todo equivocado,  
 Foi parte teu por amado,  
 He todo meu por amante.

## IV.

Vê qual delles te enamora  
 Dos dois retratos, ingrata,  
 Se o vivo pelo que mata,  
 Se o morto pelo que adora;  
 Bem sei que hum delles, traidora,  
 Te será muito mais grato;  
 Vê bem que o morto retrato,  
 He todo meu por fiel,  
 E que esse vivo, e cruel  
 He todo teu por ingrato.



Q U A D R A .

Queira o Ceo tyranna , e ingrata ,  
 Já que me pagas tão mal ,  
 Que o primeiro a quem adores  
 Nunca te seja leal .

G L O S A .

I.

**A**H! tyranna , e Yementida ,  
 O Ceo me vingue de ti ,  
 Já que rendido te vi  
 Tão bella , como fingida ;  
 Teu genio me tira a vida ,  
 Quando com desdens me mata ,  
 Se acaso te mostras grata ,  
 Logo no engano discorro ,  
 Que saibas do mal que eu morro ,  
 Queira o Ceo tyranna , e ingrata .

II.

O Ceo te castigue , e Amos ,  
 Já que perjura , e sem lei  
 Sempre féra te encontrei ;  
 Penitente no rigor  
 Eu procuro o teu favor  
 Com affecto sem igual  
 Tu mo negas desleal ,  
 Por mais que o merito cresça ;  
 Por fim Amor te aborreça ,  
 Já que me pagas tão mal .

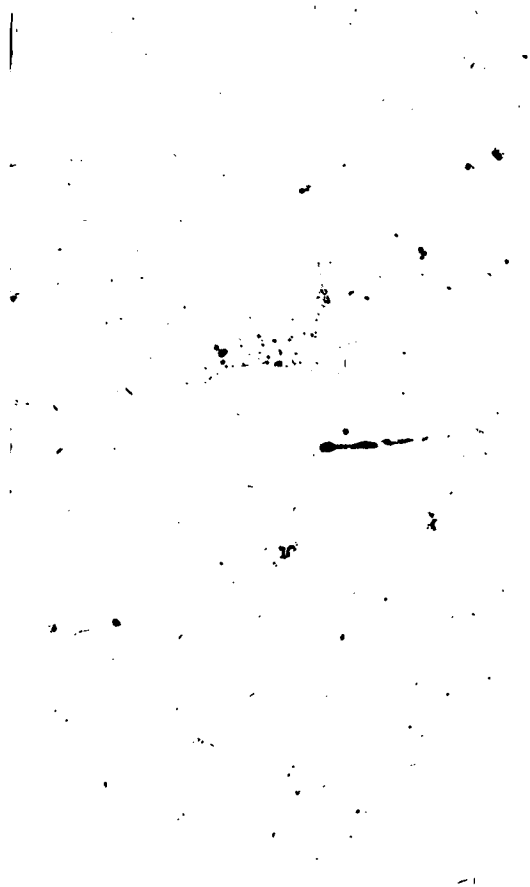
III.

Busque Amor hum novo invento,  
 Para seres despresada  
 Daquelle, que mais te agrada;  
 Porque, saibas meu tormento,  
 Geral aborrecimento  
 Exp'rimentes onde fores,  
 E por mais que afflicta chores  
 Teu desprezo, em lanças tais,  
 Nenhum te aborteça mais,  
 Que o primeiro a quem adores.

IV.

Quando te vires ferida  
 Sentindo de Amor a chaga,  
 Consigas, cruel, por paga  
 De amar, ser aborrecida;  
 Quando fores possuida  
 De hum affecto raro e tal,  
 Que não possa ter igual;  
 Quem deste fór o motivo,  
 Além de te ser esquivo,  
 Nunca te seja leal.

FIM DO TOMO II.



6 - 6

11/27







